

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE

ELBA CHAGAS SOBRAL

ENVELHECIMENTO: O QUE SABEM E DIZEM OS PROFESSORES(AS) DOS
ANOS INICIAIS DA REDE DE ENSINO DA CIDADE DO RECIFE-PE

Recife
2025

ELBA CHAGAS SOBRAL

**ENVELHECIMENTO: O QUE SABEM E DIZEM OS PROFESSORES(AS) DOS
ANOS INICIAIS DA REDE DE ENSINO DA CIDADE DO RECIFE-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Clínica da
Universidade Católica de Pernambuco,
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Linha de Pesquisa: Família, Interação
Social e Saúde

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Recife

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

S677e

Sobral, Elba Chagas.

Envelhecimento: o que sabem e dizem os professores(as)
dos anos iniciais da rede de ensino da cidade do Recife-PE /
Elba Chagas Sobral, 2025.

100 f.

Orientadora: Cristina Maria de Souza Brito Dias.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia
Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2025.

1. Envelhecimento - Aspectos psicológicos.
2. Professores de ensino fundamental. 3. Educação.
4. Escolas. I. Título.

CDU 159.922.6

Luciana Vidal - CRB-4/1338

ELBA CHAGAS SOBRAL

**ENVELHECIMENTO: O QUE SABEM E DIZEM OS PROFESSORES(AS) DOS
ANOS INICIAIS DA REDE DE ENSINO DA CIDADE DO RECIFE-PE.**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia Clínica
da Universidade Católica de
Pernambuco, como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovada em: 28 / 03 / 25.

BANCA EXAMINADORA

Cristina Maria de Souza Brito Dias

Prof.^a Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias
(Orientadora – UNICAP)

Maria do Rozário Azevedo da Silva

Prof.^a Dra. Maria do Rozário Azevedo da Silva
(UNICAP)

Rosa Maria da Motta Azambuja
Prof.^a Dra. Rosa Maria da Motta Azambuja
(UFBB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às mulheres que moldaram e continuam a moldar a minha vida:

Às minhas avós, Ana Maria e Elvira, e às minhas tias-avós, Helena e Julieta, mulheres que, mesmo sem oportunidade de estudar, foram presença e alicerce em nossa casa, irradiando uma força e uma sabedoria que, hoje, carrego comigo. Suas histórias vivem em mim, nutridas pelos valores que ensinaram com simplicidade e profundidade.

À tia Dalva, que acendeu em mim o amor pela leitura, sempre sensível às necessidades dos outros, exemplo de generosidade e atenção.

À minha mãe, que com o seu amor e apoio incondicional, me deu asas para sonhar e a coragem para seguir em frente.

Às minhas filhas, Mariana e Clarissa, que brilham como estrelas e iluminam meus caminhos, e à minha “terceira filha”, que ampliou meu olhar, permitindo-me “ver novas todas as coisas”.

À minha neta, Isabela, em quem vejo a promessa de um futuro pleno e realizado.

Este trabalho também é um tributo aos meus 50 anos dedicados à Educação, vividos no chão da escola, e espero que sirva como exemplo para minhas sobrinhas e para minha afilhada, Gabriela, para que saibam que, com determinação, tudo é possível.

Que esta dissertação seja uma homenagem a todas vocês, mulheres inspiradoras, e que o legado de afeto, resiliência e coragem que construíram continue vivo em cada geração.

GRATIDÃO

Ao Deus da vida, que me envolveu em um encanto constante ao longo desses dois anos de mestrado, guiando cada passo desta jornada tão significativa para minha vida acadêmica, profissional e pessoal.

Ao meu pai (*in memoriam*), que sempre valorizou, incentivou meus estudos, investindo com generosidade e amor no meu caminho educacional. Sua confiança e apoio foram a base de tudo que construí, e é com profunda gratidão que levo adiante os valores e exemplos que ele me deixou. Sua presença ainda se faz sentir em cada conquista minha.

Aos meus irmãos, com certeza de que a coincidência nos fez irmãos, mas foi o coração que nos fez amigos. Parceiros na infância, e hoje, companheiros que compartilham a sabedoria e a ternura da velhice que já nos habita.

Aos meus netos, Bernardo, Pedro e Lucas, que, de alguma forma, são fontes de inspiração e motivação constante. A alegria e a curiosidade que trazem à minha vida me impulsionam a continuar aprendendo e crescendo. Que este trabalho também seja um legado para vocês, com o mesmo amor e dedicação que tenho por cada um.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Cristina Maria de Souza Brito Dias, por acreditar no meu potencial e, com sua paciência, assistência e dedicação, guiar-me nesta jornada. Agradeço profundamente por cada palavra de encorajamento, pela escuta atenta e por me “destravar” para a escrita, ajudando-me a expressar com confiança o que estava latente em meu pensamento. Esse aprendizado e a confiança que me transmitiu seguirão comigo, inspirando-me em novos desafios e projetos.

À Prof^a Dr^a Marisa Sampaio, cuja presença carinhosa e doce foi um alívio num momento difícil de minha vida pessoal. Sua empatia e apoio trouxeram conforto e força nos dias em que mais precisei, e serei eternamente grata por sua sensibilidade e amizade.

Às professoras do Mestrado, que não apenas contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico, mas me ensinaram o valor e a responsabilidade de ser uma mestra.

Às professoras avaliadoras, Dr^a Rosa Azambuja e Dr^a Rozário Azevedo, pelo acolhimento, disponibilidade e cuidado na leitura deste trabalho e pelas valiosas sugestões de livros e artigos que enriqueceram minha pesquisa.

Ao Ms. Rodrigo Aureliano, meu colega de turma, meu amigo, e, de certo modo, um filho que o tempo de convivência me deu. Sua presença e companheirismo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. A sua dedicação, incentivo e apoio nos momentos mais desafiadores ajudaram a tornar esta jornada mais leve e significativa.

Ao Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior, um amigo especial, sempre presente, incentivando-me a ir mais longe. Agradeço por cada palavra de encorajamento, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e por acreditar em meu potencial mesmo nos momentos de incerteza.

Aos meus colegas de turma, por me proporcionarem a experiência de uma convivência intergeracional rica e respeitosa e por compartilharem comigo suas perspectivas, conhecimentos e vivências. Juntos, construímos um ambiente de aprendizado mútuo, onde cada troca reforçou o valor da diversidade e do respeito entre gerações.

À direção e à coordenação da Escola, onde realizei esta pesquisa, que me receberam de braços abertos, proporcionando-me condições físicas e estruturais necessárias para o desenvolvimento do meu trabalho.

E, finalmente, aos professores e professoras que generosamente participaram da pesquisa, compartilhando suas inquietudes e reflexões sobre o processo de envelhecimento, tão presentes em suas realidades pessoais e profissionais.

RESUMO

O envelhecimento populacional é de fato um acontecimento global, que está ocorrendo em ritmo acelerado e isso tem implicações profundas em diversas áreas, inclusive na educação. É essencial que desde cedo, no ambiente escolar, sejam abordados temas relacionados ao envelhecimento, não apenas para educar as gerações mais jovens sobre as questões e desafios que acompanham esse processo, mas também para promover uma consciência coletiva sobre as oportunidades e contribuições das pessoas idosas na sociedade. Assim, surgiu o interesse em investigar as opiniões das pessoas envolvidas na educação sobre o que pensam a respeito do envelhecimento. Esta dissertação teve como objetivo geral: compreender, na perspectiva de professores(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da rede municipal de Recife, o que entendem e dizem sobre o envelhecimento e as repercussões dessas concepções na prática docente. Especificamente, pretendeu-se: identificar o que os professores(as) entendem sobre o envelhecimento, âmbito pessoal e profissional; conhecer como os/as docentes inserem as suas concepções de envelhecimento na prática pedagógica; desvelar as necessidades sentidas pelos professores(as) para implantação da temática do envelhecimento na sua prática educacional. Utilizamos o método qualitativo para realização da pesquisa, cujos instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturado, respondidos por dez professores e professoras concursados ou contratados por tempo determinado (CTDs), de uma escola da Rede Municipal do Recife, independente de idade, religião e gênero. Os resultados foram avaliados através da Técnica de Análise de Conteúdo Temática. O tema do envelhecimento ainda parece distante de suas práticas cotidianas, mesmo que muitos deles estejam próximos ou já vivenciando essa fase da vida. Embora o tema do envelhecimento raramente seja discutido no contexto escolar, os docentes mostram-se receptivos e dispostos a adaptar suas práticas pedagógicas e descobrir um novo sentido de vida ao vivenciar o processo do envelhecer. Com base nesses achados, espera-se que esta pesquisa ofereça *insights* valiosos sobre como melhor integrar o tema do envelhecimento nos currículos escolares e nas práticas educativas, preparando as futuras gerações para uma interação mais positiva e informada com o envelhecimento da população.

Palavras-chave: Envelhecimento. Educação. Professores. Escola.

ABSTRACT

Population aging is indeed a global event that is occurring at an accelerated pace and has profound implications in several areas, including education. It is essential that issues related to aging are addressed early in the school environment, not only to educate the younger generations about the issues and challenges that accompany this process, but also to promote collective awareness about the opportunities and contributions of older people in society. Thus, interest arose in investigating the opinions of people involved in education about what they think about aging. This dissertation had the general objective: Understanding, from the perspective of elementary school teachers in the municipal network of Recife, what they understand and say about aging and the repercussions of these concepts in teaching practice. Specifically, the aim was to: Identify what teachers understand about aging, both personally and professionally; Understand how teachers incorporate their conceptions of aging into their pedagogical practice; Unveil the needs felt by teachers to implement the theme of aging in their educational practice. We used the qualitative method to conduct the research, whose instruments used for data collection were a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview script, answered by ten teachers, either civil servants or temporary employees, from a school in the Recife Municipal Network, regardless of age, religion and gender. The results were evaluated through the Thematic Content Analysis Technique. The topic of aging still seems distant from their daily practices, even though many of them are close to or already experiencing this phase of life. Although the topic of aging is rarely discussed in the school context, teachers are receptive and willing to adapt their pedagogical practices and discover a new meaning in life by experiencing the aging process. Based on these findings, it is hoped that this research will offer valuable insights into how to better integrate the topic of aging into school curricula and educational practices, preparing future generations for a more positive and informed interaction with the aging population.

Keywords: Aging. Education. Teachers. School.

SIGLAS

BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
CTD	CONTRATO POR TEMPO DETERMINADO
EAD	EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
EJA	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASE
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PCN	PARÂMETRO CURRICULAR NACIONAL
PNI	POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO
PPP	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
TCLE	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
TEA	TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA
UNESCO	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ENVELHECIMENTO, SERENATA DO CREPÚSCULO	16
2.1	“QUEM É A PESSOA IDOSA” NA CONTEMPORANEIDADE.....	22
2.2	O CUIDAR FAMILIAR ENTRE GERAÇÕES (QUEM CUIDA)	30
3	EDUCAÇÃO, LUMINAR DA SABEDORIA	34
3.1	A ESCOLA: CELEIRO DA SOCIEDADE	38
3.2	EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO: FUNÇÃO DA ESCOLA	42
4	CAMINHOS PERCORRIDOS – OBJETIVOS E MÉTODO	47
4.1	OBJETIVOS.....	47
4.1.1	Objetivo Geral.....	47
4.1.2	Objetivos Específicos.....	47
4.2	MÉTODO	48
4.2.1	Natureza da Pesquisa.....	48
4.2.2	Participantes	48
4.2.3	Instrumentos	49
4.2.4	Procedimento de Coleta de Dados	50
4.2.5	Procedimento de análise dos dados	50
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	52
5.1	CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	52
5.1.1	“A bisã fala cada coisa” (Carmen Lucia Campos).....	52
5.1.2	“Vovó quer namorar” (Maria de Lourdes Krieger).	53
5.1.3	“A velhinha que dava nome às coisas” (Cynthia Rylant).....	54
5.1.4	“De trote em trote agarrei um velhote” (Mauro Martins).....	55
5.1.5	“Gabi e o tesouro do oriente” (Tiago de Melo Andrade).....	56
5.1.6	“Gente de muitos anos” (Malô Carvalho)	57
5.1.7	“Avó de todo mundo” (Nye Ribeiro)	58
5.1.8	“Atrás da porta” (Ruth Rocha).....	59
5.1.9	“Três velhinhas, tão velhinhas” (Roseana Murray)	60
5.1.10	“Vovó Delícia” (Ziraldo).....	61
6	ESCUTANDO AS PROFESSORAS E OS PROFESSORES: RESULTADOS E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	63
6.1	CONHECIMENTOS SOBRE O ENVELHECIMENTO.....	63

6.2	ASPECTOS POSITIVOS	67
6.3	ASPECTOS NEGATIVOS	69
6.4	INSERÇÕES DA TEMÁTICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	71
6.5	NECESSIDADES PERCEBIDAS PARA IMPLANTAÇÃO DO TEMA	75
6.6	ACRÉSCIMO SOBRE A TEMÁTICA	78
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	85
	APÊNDICES.....	92
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	92
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	93
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....	94
	ANEXO	96
	ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	96

1 INTRODUÇÃO

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 22). 2009

Considerando que a sociedade envelhece a passos largos, e que a longevidade é uma conquista deste século que adentramos, em 2016, percebi que faltavam quatro anos para me aposentar da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife. Comecei, então, a me preparar para esse momento de conclusão da minha carreira profissional, pois sentia a necessidade de contribuir com a escola, meu local de larga experiência, contudo não mais no fazer pedagógico cotidiano. Nessa área de educação, exercia a função de coordenadora pedagógica de uma escola. Preparando-me para esse rito de passagem, que é a aposentadoria, fiz uma especialização em Gerontologia e me encantei com a área. Esta me levou ao pensamento de como despertar, nas professoras e na comunidade educativa, o olhar sobre o envelhecer, vivenciado em si mesmo, nos seus pares e na comunidade, onde a escola está inserida.

Dentro de mais poucos anos teremos na sociedade um número maior de pessoas idosas do que de crianças. Segundo dados do Ministério da Saúde, o Brasil, em 2016, tinha a quinta maior população idosa do mundo, e, em 2030, o número de idosos ultrapassará o total de crianças entre zero e 14 anos. Como podemos abordar temas em nossas aulas que suscitem nos estudantes um olhar cuidadoso com as pessoas idosas ao seu redor e também para o idoso que habita em cada um de nós? Ao tomar distância da escola e continuar pensando, me veio uma **hipótese**: talvez as professoras não abordem o envelhecimento em suas salas de aula por falta de conhecimento, de segurança no assunto. Esse tema, possivelmente, não foi tratado durante sua formação inicial. A partir disso, faço os seguintes questionamentos mais específicos: como as professoras pensam, leem, conversam sobre a temática do envelhecimento? Como a Rede de Ensino inclui essa perspectiva em seus programas de formação continuada?

No final do ano de 2022, fui convidada pela Rede de Ensino da cidade do Recife para participar de uma formação em serviço ou continuada, para os professores, coordenadores e gestores, onde foram apresentadas experiências exitosas nas diversas unidades de ensino. A abertura desse momento foi feita por meio da leitura da obra literária, escrita por Mem Fox (1995) e traduzida por Gilda Aquino, intitulada:

“Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, cuja temática aborda o envelhecimento e a intergeracionalidade. Ao final, eu esperava uma contextualização, despertando todos os professores presentes para a urgência de incluir, em seus planejamentos, conteúdos que tragam essas questões tão relevantes na sociedade atual. Isso não aconteceu!

Diante dessa inquietação pessoal e, sentindo, enquanto pessoa idosa e educadora que sou, a necessidade de adotar uma nova postura em relação às avós, aos avôs e bisavós, que estão presentes em número crescente no cotidiano escolar, acompanhando seus netos(as) e bisnetos(as). Além disso, percebo uma lacuna significativa nos livros didáticos disponíveis no acervo das escolas, que raramente abordam o envelhecimento de forma reflexiva ou educativa. No entanto, sei que a temática é significativamente abordada nas obras de literatura infanto-juvenil, também presentes nas “bibliotecas” escolares. Assim, comecei a refletir sobre a possibilidade de apresentar esse material aos/às docentes do Ensino Fundamental. Com base nessas constatações, decidi investigar o que as professoras e os professores dos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) sabem sobre o processo do envelhecimento.

Além disso, busco compreender como esses docentes se percebem ao se inserirem na fase da velhice, seja hoje, seja nos próximos anos, e de que maneira abordam o tema do envelhecimento em sala de aula com seus estudantes. Essas questões me mobilizaram a realizar essa pesquisa.

Nesse percurso, com o objetivo de evidenciar essa temática, que considero essencial para a sociedade, faço referência a documentos que destacam a importância de uma educação voltada para o envelhecimento, integrando-se aos conteúdos curriculares: a Política Nacional do Idoso – PNI (Brasil, 1994), os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1997), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Brasil, 1998), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), a Constituição Federal (Brasil, 1988) e o Estatuto da Pessoa Idosa - Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Brasil, 2003). No seu artigo 22, o Estatuto da Pessoa Idosa determina:

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (Brasil, 2003).

Até o momento, não vi chegar às escolas – local que se caracteriza como um

nascedouro de mudanças de paradigmas, de formação de valores e de poder transformador da sociedade – a implantação dessa lei. Considero agravar essa ausência o fato de essa lei ter completado, no dia primeiro de outubro de dois mil e vinte e quatro, a idade de vinte e um anos de sancionada; ou seja, duas décadas e pouca ação efetiva é concretizada e compartilhada na área da Educação, em seus diversos níveis.

Iniciei então uma busca sobre a temática do envelhecimento nos livros didáticos distribuídos pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), produzido pelo Ministério da Educação (MEC), para os diversos segmentos do Ensino Fundamental. Esses livros deveriam ter sido escolhidos pelos professores para serem utilizados pelos estudantes, ancorando o ensino a ser desenvolvido no corrente ano letivo. A princípio, fiz uma busca na sala de leitura, onde encontrei algumas obras literárias que tratam do assunto de forma lúdica e com grande potencial de levar a discussão para a sala de aula. Considerando essa investigação, prontifiquei-me a realizar leituras, algumas vezes semanais e outras quinzenalmente, das obras adequadas a cada faixa etária, tentando despertar as professoras para o diálogo com o tema. Consegui fazer uma formação com uma convidada especial, a fim de fomentar essa realidade, além de outras atividades pontuais feitas na escola, como: um dia com a presença dos avós na sala de aula, ensinando receitas, brincadeiras, confecção de brinquedos de sua infância; uma visita a uma Instituição de Longa Permanência (ILP's), entre outras ações.

Ao longo desse processo, ressaltando o meu constante olhar analítico, percebi que essas atividades propostas aparentavam ser algo pouco atrativo e descontextualizado; por efeito, não houve uma mudança comportamental em relação à presença diária dos avós no interior da unidade escolar, nem uma sensibilização da comunidade onde a escola está inserida, a qual também envelhece de maneira acelerada. Ademais, igualmente conferi, após análise dos livros didáticos, que as obras não abordavam a temática do envelhecimento populacional em nenhum componente curricular. Verifiquei também que as professoras, em suas práticas de ensino, não inseriam, em seus planos de aula, temas relacionados ao envelhecimento, à necessidade das relações geracionais e à valorização de seus avós – grande número destes sendo muito presentes no acompanhamento escolar diário. Com base na minha experiência profissional, reconheci a importância de aprofundar essa reflexão e elaborar uma análise mais profunda sobre o tema do envelhecimento. Este

processo não apenas requer uma compreensão das mudanças físicas e mentais que acompanham o envelhecimento, mas também uma consideração cuidadosa das dimensões emocionais e sociais envolvidas.

O **objetivo geral** deste trabalho é compreender, na perspectiva dos professores(as) dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de Recife, o que entendem e dizem sobre o envelhecimento e as repercussões dessas concepções na prática docente. De forma mais característica, os **objetivos específicos** descrevem que pretende-se identificar o que as professoras e os professores entendem sobre o envelhecimento no âmbito pessoal e profissional; conhecer como os/as docentes inserem as suas concepções de envelhecimento na prática pedagógica e desvelar as necessidades sentidas pelos professores(as) para a implantação da temática na sua prática educacional.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: na primeira seção intitulada *Envelhecimento, serenata do crepúsculo*, abordaremos o tema do envelhecimento oferecendo um breve panorama sobre o processo do envelhecer ao longo do tempo e destacando dados epidemiológicos e biológicos relevantes. Também examinaremos o aumento da longevidade na contemporaneidade. Na segunda seção, intitulada *Educação: luminar da sabedoria*, o foco foi na Educação, com um olhar para as leis que regem o ensino em nosso país e uma reflexão sobre a função formadora da escola, destacando a importância da educação para o envelhecimento desde a infância, ou seja, a relevância da educação gerontológica. Na quarta seção, a **metodologia** descreve a pesquisa de cunho qualitativo, com análise discursiva e percepção das subjetividades dos entrevistados(as). Na quinta seção, apresentamos os resultados e as discussões da investigação. Na sexta seção encontram-se as respostas aos objetivos, a hipótese e as questões norteadoras, evidenciando as lacunas que a pesquisa deixa, para que outros pesquisadores possam partir delas em futuras investigações sobre o tema.

2 ENVELHECIMENTO, SERENATA DO CREPÚSCULO

*“Que tristeza”, exclamou o príncipe, “que os seres fracos e ignorantes, embriagados pelo orgulho próprio da juventude, não vejam a velhice!”
(Beauvoir, 2018, p. 7).*

Envelhecimento é um processo natural e universal, multifacetado, fascinante e inevitável, que acompanha a jornada de cada indivíduo ao longo da vida. À medida que os anos passam, o corpo e a mente vão também apresentando mudanças complexas e profundas, que refletem a passagem do tempo, a soma de experiências, escolhas e influências, genéticas, ambientais e comportamentais que moldam a nossa existência. Compreender e abraçar esse processo é essencial para promover o bem estar e a qualidade de vida ao longo de todas as fases da existência humana, que trazem consigo desafios e oportunidades únicas.

Para discutir o processo do envelhecimento é fundamental considerar diversos conceitos que contextualizam essa fase da vida, iniciando pela etimologia da palavra, encontrada no dicionário Houaiss (Houaiss; Villar, 2001) da língua portuguesa, que define o termo “envelhecimento” da seguinte maneira:

Ato ou efeito de envelhecer. 1 ato ou efeito de tornar-se velho, mais velho, ou de aparentar velhice ou antiguidade. 2 ato ou efeito de dar, artificialmente, a aparência ou as qualidades do que é velho (e.vinho) (e. espelho) 3 fermentação de vinho em tonel (p. 1171).

O envelhecimento atinge todos os seres humanos, mesmo comportando grandes heterogeneidades advindas de diversos fatores como: genético, ambientais, subjetivos. Enfim, envelhecer está relacionado com as escolhas, com o modo de interagir e de enfrentar as diversas situações que a vida apresenta.

Não se tem clareza do que marca a transição para essa fase. Pode-se falar em declínio físico, aparecimento de doenças crônicas, perda das capacidades físicas e mentais, chegada da aposentadoria, nascimento dos netos, entre outros. É difícil delimitar quando se inicia a velhice, pois ela é heterogênea, apresentando-se de várias formas para indivíduos diferentes, levando em consideração condições sociais, econômicas, culturais, étnicas, regionais e de gênero. Nesse sentido afirmou Neri:

O envelhecimento é também um processo sociológico, na medida em que cada sociedade estabelece a idade para o início da velhice, a qual marca a mudança de status e em papéis sociais e se relaciona com

mudanças na identidade e na percepção da idade das pessoas (2014, p. 135).

Nos países desenvolvidos, uma pessoa passa a ser considerada pessoa idosa a partir dos 65 anos. Nos países em desenvolvimento essa classificação cronológica limite costuma ser reduzida para os 60 anos. O Brasil está incluído nesse último grupo, embora haja divergências: em algumas situações uma pessoa é reconhecida como idosa aos 60 anos, enquanto em outras aos 65 anos. Isso significa que o conceito de velhice pode variar entre diferentes culturas e sociedades refletindo atitude, valores e expectativas sociais em relação às pessoas idosas.

O processo de envelhecimento não pode ser visto apenas em relação à idade cronológica ou biológica; é necessário considerar os aspectos biopsicossociais, econômicos, políticos e históricos em que a pessoa idosa está inserida, compreendendo que tal processo acontece de modo desigual entre os atores que habitam a última fase da vida, a velhice. Para Silva e Pichler (2021, p. 85), “Pensar o envelhecimento humano hoje é uma questão cada vez mais atual, visto que tal processo se vê cada vez mais presente no decorrer dos anos na vida da comunidade humana”.

Esta afirmação destaca a relevância crescente de refletir sobre o envelhecimento humano, pois o aumento da expectativa de vida tem avançado rapidamente em todos os continentes, trazendo consigo uma série de implicações sociais, econômicas e culturais.

Torna-se necessário, portanto, desenvolver políticas públicas eficazes que atendam às necessidades das pessoas idosas em termos de saúde, habitação, segurança e bem-estar, além de um planejamento adequado que assegure uma melhor qualidade de vida para essa população. Como afirmou Minayo:

É complexo o tema do envelhecimento, pois complexos são todos os processos vitais experimentados desde o nascimento, a infância e a adolescência até a vida adulta. Recusamo-nos a reconhecer a complexidade, mas sim colocar como farinha do mesmo saco envelhecimento, doença, privação, dependência, tristeza e frustração (2004, p. 13).

O processo do envelhecimento, que tem sido objeto de reflexão e preocupação da humanidade desde os primórdios da civilização, inevitavelmente desemboca na velhice. A história nos mostra como essa preocupação com a fase da vida, conhecida como velhice, remonta à antiguidade, mesmo que pareça que o oposto seja

verdadeiro.

Nas sociedades primitivas, antes do Cristianismo, existiam concepções diversificadas acerca do envelhecimento. Santos (2000) fala que no ano de 2500 a.C., Ptah-Hotep, filósofo e poeta egípcio, comentou sobre a velhice e, de sua obra, foi extraído o seguinte: “Quão penosa é a vida do ancião! Vai dia a dia enfraquecendo, a visão baixa. Seus ouvidos se tornam surdos, a força declina, o corpo não encontra repouso, a boca se fecha silenciosa e já não fala. A velhice é a pior desgraça que pode acontecer a um homem”.

Segundo Papaléo Netto (2011, p. 5), Confúcio, nascido em 551, antes da era cristã, considerava que “todos os membros de uma família devem obedecer aos mais idosos”. No livro dos Provérbios lê-se: Coroa de honra são os cabelos brancos que se encontram no caminho da justiça (Bíblia Pastoral, 2014, p. 804). Os cabelos brancos simbolizam a sabedoria e o respeito conquistados por aqueles que viveram e vivem de maneira justa e ética, ou seja, são coroados por terem vivenciado o compromisso com a justiça e a integridade ao longo da vida.

De forma diferente, o conceito da velhice também foi abordado na literatura como algo muito distante da juventude, como se as fases da vida não se relacionassem. Temos um trecho de Beauvoir (2018) que relata Buda, um príncipe Sidarta, encerrado por seu pai num magnífico palácio, de onde escapuliu várias vezes para passear de carruagem nas redondezas. Na primeira saída, encontrou um homem enfermo, desdentado, todo enrugado, encanecido, curvado, apoiado numa bengala, titubante e trêmulo. Espantou-se, e o cocheiro lhe explicou o que era um velho, como se a velhice fosse um elemento muito distante da juventude de Buda, que não tinha aproximação com a velhice até então.

Outros grandes filósofos da Civilização Ocidental já abordavam a fase da vida humana conhecida como velhice. Sócrates afirmava que “a velhice não apresentava um fardo aos sábios”; Platão “associava a velhice à paz e à libertação”; Aristóteles “considerava os idosos não confiáveis”; e Cícero, seguindo a concepção estoica, enfatizava que ~~“a velhice é uma condição natural que todos devem aceitar, pois é um processo fisiológico que afeta a todos”~~ (autor, ano). **“todos os homens desejam alcançá-la, mas, ao ficarem velhos, se lamentam”** (Cícero, 1999, p 9).

Assim como na história, podemos observar o envelhecimento como uma importante expressão das mudanças sociais e relacionais na Psicologia, ciência

surgida no final do século XIX, na Alemanha, com Wilhelm Maximilian Wundt, com o objetivo de estudar a mente humana, tendo como principal influenciado Sigmund Freud, que viveu entre 1856 e 1939. Acerca disso, afirmou Freud:

Cada um envelhece de seu próprio modo. Considerar a singularidade de cada velhice é fundamental para se conceber que o idoso aproveitará o seu futuro de forma única para, a partir do inconsciente, tratar o real (Freud, 2017) APUD EM SARAIVA, 2017, P.8).

A velhice é uma fase cronológica e biopsicossocial que atinge o ser humano no seu processo de vida existencial, mas é diferente para cada indivíduo, pois depende de alguns aspectos experienciados, que apontam para a forma como o ser que envelhece enxerga seu amanhã.

O aumento do número de idosos é um acontecimento global e foi a maior conquista da humanidade no século XX. Para Eric Hobsbawm, em seu livro “O breve século XX”, este século foi muito breve. Ele aconteceu entre 1914 e 1991, e foi marcado por significativas mudanças em relação aos homens e mulheres que viveram nos séculos anteriores. Ele afirmou: “No século em causa, a maioria dos seres humanos cresceu e pesou mais do que seus pais e viveu cerca de o dobro da idade média vivida por um humano até o raiar do século XX” (Granemann, 2019, p. 11).

Neste século já era considerada uma pessoa idosa os homens e mulheres que chegavam aos 35-40 anos, pois poucos eram os que passavam das quatro décadas de vida. Esse fenômeno, da extensão da vida humana, não se deu de forma inesperada ou repentina, mas resulta das transformações demográficas que vêm acontecendo desde a segunda metade do século XX e está associado a modificações no perfil epidemiológico e nas características sociais e econômicas das populações.

O envelhecimento populacional é um acontecimento universal que gerou mudanças demográficas. Ele ocorre quando aumenta a participação da pessoa idosa no total da população. Para Kalache (2006), o Brasil nos anos de 1950 tinha uma expectativa de vida de aproximadamente 43,2 anos. Na década de 1960, a expectativa de vida havia chegado a aproximadamente 55,9 anos, atingindo nos anos de 1980 os 63,2 anos segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Atualmente a expectativa de vida chega aos 74 anos.

Na atualidade, a tendência é associar o debate sobre o envelhecimento ao século XX, devido ao aumento da longevidade e ao envelhecimento populacional, porém suas raízes podem ser localizadas no século XVIII. Nesse período, houve um

certo otimismo em relação à velhice, em algumas culturas, talvez influenciado por mudanças nas estruturas familiares e sociais, ou por ideias filosóficas e religiosas que valorizavam a sabedoria e a experiência associadas à idade avançada. Segundo Papaléo Netto (2011, p. 5),

(...) hoje o que se nota é uma inversão desses valores, que é fruto, entre outros fatores da Revolução Industrial, dos avanços tecnológicos e da valorização excessiva de teses desenvolvimentistas, que têm por objetivo a força de produção, obviamente muito mais próxima dos jovens do que das pessoas idosas.

No entanto, com os avanços tecnológicos decorrentes das pesquisas e descobertas científicas proporcionadas pela Segunda Guerra Mundial, tanto no âmbito militar, quanto civil, especialmente na medicina, onde se destaca o surgimento dos antibióticos, houve um combate mais eficaz às doenças, aumentando a longevidade da população, em particular os nascidos no pós-guerra, chamados de Baby Boomers. Esse fenômeno foi evidenciado em todas as áreas do conhecimento, desde a criação dos aparelhos simples, utilizados em nosso cotidiano como o controle remoto e os smartphones, até as mais recentes descobertas, como a Inteligência Artificial, que promete revolucionar a forma como percebemos, vivemos e concebemos o mundo em que vivemos, especialmente nesta segunda década do século XXI.

Nos últimos anos, nos países desenvolvidos, o envelhecimento populacional ocorreu de forma gradativa e nos países em desenvolvimento de forma acelerada. Este aumento populacional está associado a diversos fatores, entre eles podemos citar a queda da natalidade, a mortalidade infantil, os avanços científicos e tecnológicos e as melhorias na qualidade de vida, bem como a concretização de políticas públicas na área do trabalho, habitação, saúde, previdência e assistência social.

Esse fenômeno ficou conhecido como “transição demográfica” que se refere às mudanças no tamanho e na estrutura etária da população que frequentemente acompanham a evolução socioeconômica de diversos países (Chaimowicz; Camargos, 2012, p. 31-32). No ranking mundial, com os mais altos números de idosos na população, o Brasil deverá em 2030 ocupar a quinta posição. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) projeta: “Em 2030, seremos 40,5 milhões de pessoas com mais de 60 anos de idade e haverá 76,5 idosos para cada 100 jovens. Apenas 17% da população terão menos de 15 anos” (Lopes; Mendes; Silva, 2014, p. 61).

A relação de 76,5 pessoas idosas para cada 100 jovens evidencia a inversão na pirâmide etária tradicional, onde historicamente havia uma base ampla de jovens sustentando uma população menor de pessoas idosas. Essa mudança tem implicações significativas em áreas como previdência social, mercado de trabalho, educação e padrões de consumo.

O Brasil, entre 1950 e 1970, ou seja, nas duas primeiras décadas após a Segunda Guerra Mundial, apresentou um considerável crescimento populacional, passando a ser visto pelo mundo como “um país jovem”. Este fenômeno foi possível graças a uma combinação de fatores socioeconômicos, políticos e tecnológicos que propiciou a melhoria nas condições de saneamento e infraestrutura básica e os avanços da medicina e da tecnologia (Rodrigues; Rauth, 2011).

Assim, o envelhecimento populacional apresenta-se como um dos maiores desafios da atualidade, tornando-se objeto de estudo e convidando diversas esferas da sociedade a considerar tal processo como um todo. Pensar em diferentes possibilidades, bem como a concretização de políticas públicas nas áreas de trabalho, habitação, saúde, previdência e assistência social, faz-se urgente para compreender o processo de envelhecimento da população brasileira. Segundo Granemann,

Envelhecer é um novíssimo aspecto da vida humana e as determinações econômicas, político-culturais deste novo momento da humanidade, dizem respeito ao modo como os homens e mulheres construíram e como construiremos no presente e no futuro a totalidade da vida social (2019, p. 12).

Ao dizer que o envelhecimento é um aspecto novo na realidade de países como o Brasil, refletimos sobre como também é emergente para a sociedade pensar em ações que deem suporte aos diferentes sujeitos no curso do envelhecimento. Percebemos que há uma necessidade crescente de promover uma visão positiva do envelhecimento, pois essa fase da vida é muitas vezes associada a sofrimento, vista de maneira negativa, relacionada a declínios físicos e mentais. No entanto, muitas pessoas idosas levam vidas ativas e gratificantes, contribuindo de forma significativa para suas comunidades.

Refletir sobre o envelhecimento humano hoje não é apenas uma necessidade prática, mas também uma oportunidade de fomentar uma sociedade inclusiva, justa e consciente dos valores essenciais da vida. Sendo o envelhecimento um processo heterogêneo, podendo ser visto como o “tempo da delicadeza” e uma fase natural da vida do ser humano, onde a pessoa idosa vivencia muitas discriminações, se faz

necessário ouvir o que pensam, almejam e querem as pessoas desta faixa etária. Segundo Simmons (1945),

Todos os velhos desejam viver o máximo possível; terminar a vida de forma digna e sem sofrimento; encontrar ajuda e proteção para a progressiva diminuição de suas capacidades; continuar a participar das decisões que envolvem a comunidade, além de serem respeitado (apud Minayo; Coimbra Jr., 2004, p. 15).

As diversas esferas da sociedade são convidadas a considerar o processo do envelhecimento de maneira abrangente. À medida que a quantidade de pessoas idosas na população aumenta, torna-se crucial abordar questões relacionadas à saúde, bem-estar, inclusão social e econômica. É essencial a adaptação das políticas públicas, dos sistemas de saúde, do mercado de trabalho e infraestrutura urbana para atender às necessidades dessa faixa etária.

2.1 “QUEM É A PESSOA IDOSA” NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo Neri (2014), as definições mais aceitas sobre o envelhecimento em relação aos dados biológicos e epidemiológicos são classificadas em: 1. Envelhecimento primário ou normal (senescência); 2. Envelhecimento secundário ou patológico (senilidade); 3. Envelhecimento terciário ou terminal. Esclarecendo o conceito do envelhecimento Primário ou normal (Senescência), temos: são conceitos relacionados ao processo natural de envelhecimento do corpo humano. Ele acontece no organismo humano ao longo da vida. Já a senescência refere-se ao envelhecimento das células, período em que elas param de se dividir e entram em estado de absoluto e irreversível repouso. Nessa fase da vida acontecem alterações orgânicas, funcionais e psicológicas que afetam de forma natural e gradual o organismo. Cabelos brancos, rugas, flacidez muscular, déficits sensoriais são indicadores do processo do envelhecimento normal, enquanto que a perda da velocidade, que pode ser bem observada na mobilidade e na cognição, são indicadores da senescência, ou seja, advindo de danos causados pela diminuição da capacidade de replicação das células.

O envelhecimento Secundário ou Patológico não é inevitável, mas pode ser mitigado ou retardado por meio da adoção de um estilo de vida saudável, cuidados preventivos de saúde e controle de doenças crônicas. É importante reconhecer que o envelhecimento é um processo complexo influenciado por uma combinação de fatores

genéticos e ambientais (externos) e que pode ocorrer de forma mais rápida ou precoce do que o esperado, mas que algumas formas de envelhecimento secundário podem ser prevenidas ou minimizadas com intervenções apropriadas.

Finalmente, o envelhecimento terciário ou terminal: é uma fase desafiadora da vida que requer apoio emocional, social e médico adequado para garantir o conforto e a dignidade das pessoas idosas durante esse período. É importante o acesso a cuidados de qualidade e que as necessidades físicas, emocionais e espirituais sejam atendidas da melhor maneira possível. É a última etapa do processo do envelhecimento, caracterizada pela deterioração da saúde física e mental, bem como pela crescente fragilidade do organismo, por ser um período próximo à morte e marcada por um declínio acentuado na funcionalidade e na qualidade de vida.

Dada a necessidade de desafiar a visão tradicional da velhice como uma fase de declínio inevitável e perda de funcionalidade, a Sociologia cunhou o conceito de “envelhecimento bem sucedido” ressaltando o potencial para um envelhecimento caracterizado por saúde, bem-estar e qualidade de vida (Neri, 2014, p. 137). A origem desse termo se deu por volta das duas últimas décadas do século passado, quando aconteceu um aumento significativo na expectativa de vida e uma crescente consciência sobre os desafios enfrentados pela população idosa. De acordo com Neri (2014), esse conceito foi muito criticado pelo seu conteúdo ideológico e pelo fato de o conceito de sucesso ter forte vinculação com dinheiro e status social.

Por causa de críticas, como a referenciada anteriormente, já houve a tentativa de substituir essa nomenclatura por outras, tais como envelhecimento saudável, ativo, produtivo ou efetivo, contudo, o termo “envelhecimento bem sucedido” continua como termo guarda-chuva, em razão de enfatizar a importância de adotar estratégias que promovam uma velhice ativa e saudável. Isso inclui a adoção de um estilo de vida sadio, com o acesso a cuidados médicos adequados, a participação em atividades sociais e culturais, além do apoio da comunidade e da família. Neri comprovou:

Quando o indivíduo que envelhece preserva funcionalidade comparável a indivíduos mais jovens, plasticidade comportamental e funcionamento superior aos de seus contemporâneos, diz-se que tem um padrão de envelhecimento ótimo ou bem sucedido (2014, p. 138).

Isso enfatiza que o envelhecimento bem-sucedido vai além da mera ausência de doenças ou incapacidades, englobando também aspectos cognitivos, emocionais e sociais, além do aprendizado contínuo e adaptação à contemporaneidade. Ao

reconhecer e promover o conceito de envelhecimento bem sucedido, a sociedade pode adotar uma abordagem mais positiva e inclusiva em relação aos idosos, valorizando suas habilidades e contribuições para a comunidade, bem como ajudar a combater estereótipos negativos relacionados à velhice.

Embora o envelhecimento bem sucedido possa trazer muitos benefícios em termos de saúde e bem-estar, existem fatores de risco que podem surgir ao longo do tempo. Dias (2013) destacou algumas características atribuídas à pessoa idosa que denotam preconceito:

Pouco produtivos (falso porque é possível observar artistas de fama reconhecida, cientistas, líderes religiosos, chefes de Estado, empresários bem sucedidos em plena produtividade); conservadores e acomodados (muitos idosos estão acompanhando as mudanças sociais e se adaptando a elas); pouco criativos e menos capazes intelectualmente (temos exemplos de indivíduos que atingem o auge de seu potencial exatamente nessa fase da vida, devido às experiências acumuladas, em nível pessoal e profissional (2013, p. 264).

Esses preconceitos citados pela autora, em alguns casos, denotam acomodação e baixa autoestima das pessoas idosas, que assumem esse lugar de vítima, de não acreditar em si mesmas, construindo um discurso de menos valia e de deterioração da velhice que habita em seu corpo e mente, impedindo o desenvolvimento pleno de seu potencial. Este estereótipo sobre o envelhecimento precisa ser discutido e debatido, com o intuito de desmistificar a velhice. O conhecimento e a informação podem cooperar para uma sociedade menos preconceituosa e mais inclusiva.

A passagem do tempo ou a longevidade traz consigo ganhos, porém, muitas vezes a sociedade contribui para uma concepção negativa com relação ao envelhecimento, mostrando-o como algo vergonhoso, conforme escreveu Simone de Beauvoir (2018) em sua obra intitulada "A Velhice": "Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar [...] aí está o motivo por que escrevo esse livro: para quebrar a conspiração do silêncio" (2018, p. 7).

Nessa "conspiração do silêncio" a que se refere Beauvoir, o grupo que adentra na fase da velhice é surpreendido por ela, já que não existe um rito claro de passagem para essa última etapa da vida. O envelhecer é um fenômeno biológico com consequências psicológicas e uma dimensão existencial, que modifica a relação da pessoa idosa com o mundo e com sua história.

Com isso, ela se depara com o fato de que não mais é vista como produtiva ou como um ser de desejo. Muitas vezes, a pessoa é vista como ridícula, quando expressa suas vontades, condenada ao esquecimento e à solidão, enfrentando os dissabores que a velhice impõe a essas pessoas na sociedade.

Com a nova configuração de velhice que se apresenta na sociedade, as pessoas idosas se reinventam a cada novo ano, visto que muitas delas iniciam nova formação, nova área de atuação profissional, novas relações amorosas, a aposentadoria pode ser enxergada como um rito de passagem. Neri (2014, p. 21) afirma:

Salvo excessões, a aposentadoria não é um evento inesperado no curso da vida, pois tem componentes antecipatórios: as pessoas se preparam para ela fazendo planos, ouvindo a experiência de outrem e, em alguns contextos, participando de programas de preparação para a aposentadoria.

Na contemporaneidade, a aposentadoria não é mais vista apenas como “ir para o aposento” de sua própria casa e/ou da residência de seus filhos ou netos, mas o ensejo de descortinar novas oportunidades, desvendando novos horizontes e abrindo espaços para começar algo inimaginável em décadas anteriores de sua existência. As pessoas idosas da sociedade hodierna estão se mostrando mais ousadas, criativas, saudáveis e acreditadas, por desenvolverem autonomia, independência e empoderamento, o que lhes abre à visibilidade social e familiar. Nesse sentido, Debert (2019, p. 19) afirma: “Assistimos a um processo de reinvenção da velhice. Sabemos que a velhice, assim como as outras etapas em que a vida se desdobra, são criações históricas e sociais”.

Este fenômeno aponta para o surgimento de um novo grupo social: os longevos, formado por homens e mulheres que vivem significativamente por mais tempo do que a média da população e sua existência tem implicações profundas para a sociedade em diversos aspectos, o que exige adaptações em diversos setores, desde a economia até a urbanização, saúde e educação.

O novo grupo social dos longevos, composto por indivíduos entre 80 e 90 anos, com muitos chegando aos 100 anos, representa uma transformação significativa na estrutura etária da população. É necessário reconhecer e valorizar a contribuição dos longevos, ao mesmo tempo em que se enfrentam os desafios associados a esse aumento no tempo de vida. Both, Pasqualotti e Both (2011, p. 1644) evidenciaram: “A longevidade, entendida como o tempo de vida de cada espécie pode ensinar a

compreensão de que o indivíduo está em transformação, e isto vem exigir novos referenciais para o desenvolvimento”.

Este entendimento traz várias implicações para a sociedade contemporânea: a longevidade exige uma reconsideração das fases da vida, para incluir novas etapas de desenvolvimento pessoal e profissional após a aposentadoria tradicional. Isso inclui a necessidade de um aprendizado contínuo ao longo da vida; manutenção do bem-estar físico e mental por meio da saúde preventiva; criação de novos modelos de trabalho em novas carreiras ou atividades voluntárias. Masi (2019, p. 55) assegurou:

o aposentado que empreende uma segunda carreira tem finalmente a possibilidade de desenvolver trabalhos que nunca tinha imaginado poder fazer e dos quais pode obter as satisfações que a primeira nunca lhe deu.

É necessário também mencionar os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos longevos na sociedade contemporânea, como tão bem destacaram Libarino e Reis (2017, p. 2-18): “Ser ‘velho’ nem sempre é ser percebido com bons olhos em uma sociedade capitalista, com excessiva valorização da produtividade, do consumo, da beleza física e da ascensão de novas tecnologias”.

Essa visão limitada pode levar as pessoas idosas à marginalização, ignorando suas valiosas contribuições e experiência acumulada. A valorização exarcebada do novo e do jovem pode resultar em discriminação étnica, dificultando a integração dos idosos no mercado de trabalho, nas atividades sociais e na adoção das novas tecnologias. É fundamental reavaliar essas percepções para criar uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, onde o envelhecimento seja visto como uma fase rica em potencial e dignidade.

Segundo Neri (2014, p. 214), o termo longevidade vem do latim *longevitas*, que significa longa vida. A longevidade humana é um tema fascinante que tem despertado interesse ao longo dos séculos. Historicamente, a expectativa de vida sempre foi um desafio devido às condições adversas de saúde, falta de conhecimento médico, guerras e epidemias. Contudo, progressos notáveis nas últimas décadas alteraram drasticamente a dinâmica da longevidade, conduzindo-nos a uma realidade onde é cada vez mais frequente alcançar a idade de 100 anos e até ultrapassá-la.

Nos tempos antigos, a longevidade era um fenômeno raro. A alta mortalidade infantil, doenças infecciosas e a falta de saneamento básico eram os principais fatores que limitavam a longevidade. Nesse contexto, os poucos que atingiam idades

avanzadas eram frequentemente vistos como seres excepcionais e muitas vezes cercados por mitos e lendas. Tura, Carvalho e Bursztyn (2014, p. 24) afiançaram:

Se a luta contra a morte a qualquer custo constitui o principal desafio da medicina durante o século XX, a garantia da qualidade de vida vai gradativamente entrando em cena, na medida em que se transforma o perfil demográfico e epidemiológico da população.

Na atualidade, a longevidade não é mais uma raridade. Em muitos países desenvolvidos, a expectativa de vida ultrapassa os 80 anos, objetivo alcançável para muitos, com futuro promissor, com pesquisas focadas em retardar o envelhecimento e tratar doenças associadas à idade. Tecnologias modernas permitem o monitoramento contínuo da saúde, tratamentos personalizados e intervenções precoces prolongam a vida ativa. Além desses fatores, a conscientização sobre a importância da saúde mental e emocional contribui para uma vida mais longa e feliz.

Diante de todas as descobertas empreendidas pela humanidade neste início de século XXI, é provável que as futuras gerações desfrutem de vida ainda mais saudável e longa. Esse progresso reflete a capacidade de adaptação, inovação e resiliência da nossa espécie. A grande presença de pessoas idosas na contemporaneidade, resultante do fenômeno da longevidade, levou o filósofo italiano Masi (2019, p. 60) a afirmar:

A existência de um número maior de pessoas que tem diante de si a perspectiva da morte como algo próximo conduz toda a sociedade a meditar sobre os valores mais profundos, a voltar a depositar mais confiança no amor, na amizade, no convívio do que no poder e na riqueza material.

Ao fazer essa afirmação, Masi (2019) chama a atenção para um aspecto profundo e significativo da longevidade na sociedade contemporânea: a proximidade da morte, ou seja, a finitude. Falar sobre finitude, no geral, leva as pessoas a valorizarem mais intensamente as relações humanas e as experiências emocionais em vez de aquisições de bens materiais, pois, nesse sentido, dão conta de sua própria finitude. Isso as faz refletir sobre o que realmente importa na vida, como as conexões interpessoais e o bem-estar emocional, pois são esses elos que oferecem conforto, alegria e apoio, especialmente na velhice. Ao pensarmos sobre esse enfoque, fortalecemos o conceito de uma sociedade mais empática e orientada para o cuidado mútuo, enaltecendo as experiências de vida de todas as pessoas e promovendo a integração intergeracional.

As representações sociais da pessoa idosa ainda frequentemente retratam essa etapa da vida como um período em que a pessoa que envelheceu tem pouco a contribuir com a sociedade. Esse estigma pode levar algumas pessoas idosas a internalizarem essas percepções negativas. Faz-se necessário combater essa visão desatualizada, pois desconsidera a riqueza de experiência que a população idosa pode oferecer; é um grande erro na promoção da transgeracionalidade.

Uma parte das pessoas idosas se apropria desse estigma, sentindo-se desvalorizada e excluída das atividades sociais e econômicas. Essa internalização pode afetar negativamente a autoestima e a saúde mental, levando ao adoecimento, ao desengajamento social e à ausência de realização pessoal. No entanto, outro grupo na mesma fase da vida encara essa última etapa da vida de forma positiva, reconhecendo as oportunidades de crescimento, aprendizado e contribuição que ela proporciona.

As pessoas idosas que encaram a velhice de forma positiva frequentemente se envolvem em atividades voluntárias, culturais e educacionais, desempenhando papéis significativos na família e na comunidade onde estão inseridas. Elas carregam uma sabedoria adquirida ao longo dos anos, oferecendo perspectivas e experiências valiosas que enriquecem os ambientes em que convivem com seus pares geracionais. Santos (2021, p. 70) concluiu: “Sinto o idoso como a memória madura de uma vida inteira, de olhar pra você e ter coisas para te mostrar, de uma outra maneira, com essa vivência longa...”

Pessoas que envelhecem nessa perspectiva inspiram as gerações mais jovens a enxergar o envelhecimento de maneira positiva, incentivando o engajamento social em benefício do bem comum.

Erik Erikson (1998) APUD em Picher e Silva, 2021, p 89 estendeu e modificou a teoria de Freud, ao enfatizar a influência da sociedade no desenvolvimento da personalidade. Erikson compreendia que a personalidade se desenvolvia durante toda a trajetória de vida do ser humano. Ele foi um dos primeiros a refletir profundamente sobre a velhice, afirmando que o envelhecimento é um processo e não uma etapa da vida humana. Erikson é conhecido por sua teoria do desenvolvimento psicossocial, que descreve oito estágios ao longo da vida. O último estágio, que ocorre na velhice, é chamado de "Integridade versus Desespero". Nesse estágio, os indivíduos refletem sobre suas vidas e buscam um sentido de integridade, aceitando suas experiências e conquistas. Pichler e Silva (2021) descrevem esse

processo como uma forma de “passar a limpo” a própria história, avaliando a satisfação consigo mesmo e dos caminhos escolhidos ao longo da vida. Aqueles que não conseguem encontrar esse sentido podem experimentar sentimentos de desespero e arrependimento. A visão de Erikson sobre a velhice destacou a importância da sabedoria e da reflexão sobre a vida passada como componentes cruciais do bem-estar emocional na velhice.

Compreender claramente os termos “integridade do ego” e “desespero” cunhados por Erik Erikson é essencial para entender o oitavo estágio do desenvolvimento, que abrange o período entre os 60 e 85 anos. Silva e Pichler assim definiram a integridade:

Trata-se de uma visão pessoal à procura de ordem e significado à história de vida. Neste caso, integridade significa o resultado de todo um histórico de crises e equilíbrios do ego: memórias, relações, emoções, etc. (2021, p. 98).

Essa definição oferece uma visão profunda sobre o processo de envelhecimento. Ela destaca a importância de uma avaliação retrospectiva positiva da própria vida e da aceitação dos erros e fracassos como partes de um todo significativo. A integridade envolve todas as dimensões da experiência humana e implica revisitar o passado com uma sensação de paz interior. Alcançar esse estágio significa que a pessoa idosa conseguiu lidar de maneira satisfatória com os desafios e as transformações ao longo da vida.

Erick Erikson (1998) contrapõe a integridade do ego à vivência do desespero, que se caracteriza pela sensação de arrependimento, desapontamento e medo da morte. A luta travada entre esses dois estados determina a qualidade emocional e psicológica da vida na velhice. Silva e Pichler afirmaram:

Se, ao olhar para sua própria integridade, isto é, sua história, percebe que há muitas angústias, a concepção daquela desencadeará um sentimento de que “a vida já concedeu tudo que tinha para conceder” [...] de modo que representa um doloroso sabor da vida (2021, p. 99).

A forma como uma pessoa revisita e interpreta sua história de vida impacta profundamente seu bem-estar emocional e psicológico na velhice. Quando essa revisão é marcada por angústias e arrependimentos, isso pode gerar uma visão negativa de si mesmo e levar ao desespero, resultando em medo da morte e uma dolorosa sensação de insatisfação com a própria trajetória.

Na teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson (1976) APUD EM

Kassulke e Soares, 2022, p. 76. Para ele, a pessoa idosa está na crise desenvolvimental: integridade do ego versus desespero. A dificuldade em encontrar significado e aceitação nas experiências passadas pode resultar em sentimento de inutilidade e fracasso. Nessas situações, o acompanhamento psicológico pode ser um recurso valioso para ajudar as pessoas idosas a reprocessar suas memórias de maneira equilibrada, reduzindo o impacto negativo do arrependimento e promovendo uma visão integradora da vida.

Por outro lado, uma revisão positiva da própria história, em que os indivíduos reconhecem e aceitam tanto os sucessos quanto os fracassos como partes de uma vida significativa, promove um senso de integridade, trazendo paz interior e satisfação. Esse processo permite que a pessoa idosa encontre um novo significado em sua vida, oferecendo às gerações mais jovens exemplos valiosos de como viver de forma plena e consciente.

2.2 O CUIDAR FAMILIAR ENTRE GERAÇÕES (QUEM CUIDA)

O cuidar permeia todas as esferas da vida humana, desde os primeiros momentos de existência até os últimos instantes da jornada. É na família que o novo ser inicia sua trajetória, dando os primeiros passos em direção à aventura do viver. Camarano e Pinheiro (2023, p. 13) refletiram sobre o verbo “cuidar” da seguinte forma: “Cuidar, verbo transitivo: direto ou indireto? Ou intransitivo? [...] É transitivo porque precisa de um complemento; o seu sentido não é completo sem ele”.

Dentro do contexto familiar, o cuidar, como verbo transitivo, se manifesta de maneira essencial e protetora, desde o nascimento, passando pela infância, juventude, idade adulta e alcançando a velhice. O cuidar se revela como uma constante, moldando e sustentando a vida em cada fase. O acolhimento no seio familiar fornece a base sobre a qual a criança constrói sua percepção do mundo, aprendendo, ou não, sobre afeto, segurança e confiança.

No cenário atual, a família contemporânea enfrenta o desafio de se adaptar a uma nova realidade, marcada pela necessidade de cuidar tanto dos filhos adolescentes quanto dos pais idosos. Estes, frequentemente, com o advento da longevidade, vivem muitas décadas após a aposentadoria, exigindo um tipo de suporte e cuidado renovado. Esse contexto traz uma mudança significativa nas responsabilidades familiares, onde os filhos adultos, muitas vezes ocupados com suas

próprias carreiras e filhos, assumem papéis de cuidadores de seus próprios pais.

Goldfarb e Lopes (2011) destacaram um papel crucial que gera tensão nas relações familiares hoje em dia:

A situação social e econômica atual complica ainda mais esse panorama, pois ou são os pais que devem ser sustentados pelos filhos ou os filhos desempregados e suas famílias sobrevivem dos poucos ganhos de seus aposentados... e assim não há como evitar conflitos (2011, p. 1588).

A necessidade de sustentar tanto os pais idosos quanto os filhos pode resultar em uma sobrecarga financeira e emocional para os membros da família. Os filhos que precisam cuidar dos pais enquanto enfrentam suas próprias dificuldades econômicas podem experimentar um estresse elevado, o que pode gerar conflitos e ressentimentos. Um outro problema estrutural são os filhos desempregados e suas famílias dependentes dos modestos ganhos dos aposentados, situação que pode levar a um desequilíbrio e tensões nas relações familiares entre as duas ou três gerações em coabitação.

A afirmação de Goldfarb e Lopes também aponta para a necessidade de políticas públicas e sistema de apoio que possam aliviar essas tensões. Programas que proporcionem suporte financeiro e cuidados adequados para os idosos, bem como assistência às famílias em dificuldades, ajudando a diminuir os conflitos e melhorar a qualidade de vida das famílias. Reconhecer e abordar essas questões é essencial para promover uma compreensão e soluções adequadas para o suporte intergeracional.

Nessas novas configurações familiares, o papel da mulher merece destaque especial. Como afirmam Camarano e Fernandes,

Apesar do aumento da inserção das mulheres nas atividades econômicas, elas continuam sendo as primeiras responsáveis pelas atividades de cuidados, pois a participação masculina nessa esfera não acompanhou o crescimento das mulheres no mercado de trabalho (2023, p. 142).

Essa afirmação ressalta um ponto fundamental na discussão sobre igualdade de gênero e divisão de responsabilidade dentro do lar. Apesar do aumento significativo da presença das mulheres no mercado de trabalho, o papel tradicional de cuidadoras ainda recai predominantemente sobre elas.

As mulheres frequentemente assumem a maior parte da responsabilidade dos cuidados, como gestão do lar, cuidado com os filhos e os idosos, mesmo quando estão

igualmente engajadas em suas carreiras. Essa persistência dos papéis tradicionais reflete uma continuidade das expectativas sociais e culturais que não evoluíram na mesma medida que a participação feminina no mercado de trabalho. Segundo **Moreira et al. (2012, p. 330-331)**

Apesar das mudanças decorrentes dos modos de produção e da massiva inserção feminina no mercado de trabalho, tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres parecem não ter sofrido alterações significativas, com a prevalência das mesmas nos cuidados com os filhos.

Embora haja uma crescente consciência sobre a importância de compartilhar as responsabilidades domésticas, a realidade é que a participação masculina muitas vezes não acompanha o avanço das mulheres no mercado de trabalho, valorizando o papel do homem como provedor principal, enquanto o papel da mulher como cuidadora continua a ser reforçado.

As mulheres, enquanto educadoras de seus filhos homens, desempenham importante papel na desconstrução de paradigmas culturais e sociais dominantes. Ao promover uma divisão mais igualitária das responsabilidades de cuidado desde a infância, elas fomentam uma nova sociedade mais justa e equânime. Esse papel educativo não só impacta a dinâmica familiar imediata, mas também contribui para um futuro onde todos os membros da família compartilham igualmente as responsabilidades e o suporte mútuo.

Esse impacto é vivenciado na vida adulta, refletindo-se também na predominância do gênero feminino entre a população idosa global, fenômeno conhecido como “feminilização da velhice”. Estudos mostram que, em média, as mulheres vivem de sete a oito anos a mais que os homens, como relatado por Salgado (2002, p. 8). Esse diferencial de longevidade pode ser atribuído a vários fatores, incluindo uma melhor percepção das doenças e aceitação dos cuidados com a sua saúde, além da participação em grupos de convivência e movimentos sociais e o engajamento em trabalhos voluntários. Esses aspectos contribuem para que as mulheres mantenham uma maior conexão social, tanto na esfera familiar como fora dela.

A partir dessas práticas, torna-se evidente a necessidade de uma educação que promova uma compreensão mais profunda e empática do envelhecimento. Integrar o estudo do envelhecimento de maneira interdisciplinar nas escolas pode preparar as futuras gerações para reconhecer e valorizar tanto as contribuições

quanto os desafios enfrentados por mulheres idosas, muitas das quais são profissionais do magistério no Ensino Fundamental. Conforme destacou Morgade (1992; 1997 citado por Yannoulas, 2011, p. 274),

A feminilização da profissão docente na escola de ensino fundamental marcou um importante momento na existência e na representação simbólica das mulheres. Há outras profissões que se feminilizaram, mas talvez, apenas o magistério foi tão importante do ponto de vista simbólico e político: os Estados nacionais latino-americanos, recém-construídos, depositaram nas mãos do corpo docente feminino a tarefa de reproduzir os fundamentos da nova identidade nacional.

O magistério, predominantemente exercido por mulheres, reflete e reforça a importância do papel feminino na educação e na formação social. Essa profissão é essencial para o desenvolvimento e a formação das futuras gerações, carregando um profundo simbolismo cultural e social. A relevância do magistério transcende a mera prática profissional, influenciando significativamente as percepções culturais e políticas sobre a educação e o papel das mulheres na sociedade.

Ao refletir sobre quem é a pessoa que cuida na contemporaneidade e sobre os vínculos de cuidado que se tecem entre gerações, fica evidente que o envelhecimento é um processo complexo, permeado por desafios e possibilidades que transcendem o âmbito familiar. Assim, a próxima seção explora como a educação pode atuar como um farol que ilumina a sabedoria acumulada ao longo da vida, promovendo não apenas aprendizado contínuo, mas também a valorização do envelhecer como uma fase rica em conhecimentos, experiências e contribuições para a sociedade.

3 EDUCAÇÃO, LUMINAR DA SABEDORIA

O objetivo último da educação é ajudar-nos a permanecer crianças, ajudar-nos a brincar sem nos machucarmos (Alves, 2013, p. 238).

O vocábulo “sabedoria” se faz presente nas diversas áreas que compõem as ciências humanas, mas é na psicologia que ela é mais bem definida, segundo o dicionário de Psicologia (APA): “capacidade de um indivíduo tomar decisões acertadas, de encontrar as respostas certas – ou pelo menos boas – para questões existenciais difíceis e importantes, e de dar conselhos sobre os problemas complexos da vida diária e relacionamentos interpessoais” (2010, p. 824).

O significado da palavra “educação” é vasto e profundamente interconectado com a nossa experiência humana. Historicamente tem suas raízes no latim “educatio”, ação de criar, de nutrir (Houaiss; Villar, 2001, p. 1101). A educação refere-se ao processo de formação e desenvolvimento integral do ser humano, carregando em si um significado profundo e multifacetado, que transcende o simples ensinar e aprender, envolvendo não apenas a aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas também o crescimento pessoal, social e emocional.

Na escola, a sabedoria e a educação convergem como pilares fundamentais para o desenvolvimento integral do indivíduo. A sabedoria, entendida como a capacidade de tomar decisões acertadas e lidar com questões complexas da vida, encontra na educação o terreno fértil para se manifestar e florescer. Por sua vez, a educação, em sua essência de nutrir e formar, transcende a simples transmissão de conhecimento acadêmico, promovendo um espaço onde o crescimento pessoal, social e emocional é cultivado. Juntas, essas dimensões transformam a escola em um ambiente que não apenas prepara os indivíduos para os desafios acadêmicos, mas também para a vida, capacitando-os a refletir, discernir e agir com profundidade e propósito em suas relações e escolhas cotidianas.

Esse entendimento é ampliado quando se considera o ato de ensinar e aprender, que implica na nutrição e no cultivo das capacidades e potencialidades do indivíduo. Nesse sentido, Freire (2009) concebe a educação como libertadora, destacando que o papel do educador vai além da simples transferência de conhecimento. Como ele afirmou:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a

indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Freire, 2009, p. 47).

Essa perspectiva ressalta o papel ativo da educação na formação de indivíduos críticos e reflexivos, onde o diálogo e a curiosidade mútua entre professor e aluno promovem a sabedoria como prática cotidiana, integrando saberes acadêmicos e experiências de vida.

A educação é sobretudo um ato de transformação. Ela molda a forma como os indivíduos pensam, sentem e interagem com o mundo ao seu redor. Por meio da educação, somos expostos a novos conceitos, perspectivas e habilidades que nos ajudam a compreender melhor a nós mesmos, aos outros e ao mundo em que vivemos.

Além disso, a educação é um meio de socialização, influenciando a forma como interagimos e colaboramos em sociedade. Ela promove a construção de competências sociais e emocionais que são cruciais para viver em comunidade, como a empatia, a comunicação e a resolução de conflitos. Por meio da educação, aprendemos a respeitar a diversidade e a trabalhar em conjunto para alcançar os objetivos comuns.

A educação é frequentemente descrita como a chave para o progresso social e econômico. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a educação é um direito humano essencial e um meio para alcançar outros direitos (UNESCO, 2008).

No contexto brasileiro, a educação desempenha um papel essencial para a transformação social e econômica. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a educação é um direito fundamental e um meio para promover o desenvolvimento integral do ser humano e a formação de uma sociedade mais justa (Brasil, 1998). A pesquisa realizada por Costa e Carvalho (2015) destaca que a educação de qualidade é um fator determinante para a redução das desigualdades sociais e para promoção da mobilidade econômica. Além disso, a educação é fundamental para a construção da cidadania e para participação ativa na vida democrática (Freire, 2009).

A inclusão é o tema central na educação brasileira na atualidade. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, estabelecida pelo Ministério da Educação, enfatiza que todos os alunos devem ter acesso a uma

educação de qualidade, independentemente de suas necessidades ou condições (MEC, 2008). Souza e Silva (2017) mostraram que ambientes inclusivos não apenas melhoram o desempenho acadêmico, mas também promovem o desenvolvimento social e emocional dos alunos. A inclusão, portanto, é uma estratégia essencial para a construção de uma sociedade mais equitativa e para a redução de preconceitos.

Ainda no contexto da inclusão, primordial na sociedade hodierna, Freire (2005) destaca a necessidade da educação dialógica afirmando que “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (Freire, 2005, p. 91).

No cenário educacional contemporâneo, a educação adota diversas abordagens para atender variadas necessidades dos alunos. Queiroz (2011, p. 107-108) destacou:

Educação à Distância (EAD): envolve a interação entre alunos e professores separados fisicamente, mas conectados por tecnologias. *Educação Ambiental:* foca na construção de valores sociais relacionados à preservação do meio ambiente. *Educação Continuada:* oferece estudos de aprofundamento e atualização para atender a demandas específicas de aprendizagem. *Educação Emocional,* enfatiza a importância das emoções no desempenho profissional e ajuda na superação de dificuldades nos relacionamentos afetivos, familiares e escolares. *Educação Holística:* considera o processo de aprendizagem de maneira mais ampla, ampliando a visão do ser no mundo. *Educação Popular:* direcionada a jovens trabalhadores ou adultos, busca promover ações educativas para esse público-alvo. *Educação por Imitação:* baseia-se na aprendizagem por meio do exemplo.

Cada uma dessas abordagens educacionais desempenha um papel importante na preparação dos indivíduos para os desafios do mundo moderno. Elas se entrelaçam de maneira sinérgica, contribuindo para um panorama educacional mais rico e diversificado no século XXI. Ao integrar essas diferentes perspectivas, a educação se torna um instrumento poderoso para moldar cidadãos adaptáveis, conscientes e capacitados para enfrentar um futuro em constante evolução.

Dentre as diversas abordagens educacionais atuais, a questão do envelhecimento e da longevidade, apesar de sua relevância crescente em várias áreas do conhecimento, tem sido pouco abordada pelas instituições de ensino, desde os anos iniciais até o nível universitário. A necessidade de uma abordagem mais aprofundada e preparatória sobre esse tema, que envolva tanto os docentes quanto os discentes, é clara, mas ainda não é adequadamente apresentada no ambiente

educativo.

É fundamental trazer ao palco das discussões educacionais o tema do envelhecimento e da longevidade, conforme definido pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). A BNCC estabelece que

[...] cabe aos sistemas e às redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem dos temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei n.º 8.069/1990) e o processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/2003).

Para contextualizar e aprofundar a discussão sobre a inclusão do tema envelhecimento no currículo escolar é fundamental compreender como as leis e diretrizes educacionais, como a BNCC, orientam a aplicação desses temas nas práticas pedagógicas. A BNCC estabelece que temas transversais como o envelhecimento devem ser integrados de maneira multidisciplinar, abordando-os de forma abrangente nas diversas disciplinas e atividades escolares.

Por exemplo, nas aulas de Ciências, os alunos podem investigar os aspectos biológicos do envelhecimento, enquanto em História podem explorar as mudanças sociais e culturais associadas ao aumento da longevidade. Para uma abordagem eficaz e interdisciplinar desse tema no currículo, é fundamental adotar estratégias que envolvam todos os componentes curriculares, integrando o envelhecimento de forma a estabelecer conexões significativas entre as áreas do conhecimento. Isso promove uma compreensão mais holística e relevante para os alunos.

É essencial promover a integração entre a Gerontologia¹ e a Educação dentro do ambiente escolar, que é um importante espaço para a transformação social. Esse intercâmbio, realizado de forma inter e multidisciplinar, prepara os alunos para uma sociedade que está envelhecendo cada vez mais. Além disso, contribui para o desenvolvimento de valores fundamentais como o respeito e a inclusão.

¹ Gerontologia é o campo interdisciplinar que tem como objetivos descrever e explicar as mudanças típicas do processo do envelhecimento humano e suas relações com determinantes genéticos, biológicos, psicológicos e socioculturais (Neri, 2014, p. 186).

3.1 A ESCOLA: CELEIRO DA SOCIEDADE

A sociedade é formada por grupo de pessoas, ou seja, comunidades e nelas se encontram as instituições: governo, família e escola, que precisam caminhar de forma sincronizada, pois a quebra de uma delas desestabiliza o sistema no qual elas se apoiam, mantendo uma contínua troca de conhecimentos e aprendizagens produzidos em seus ambientes internos e nas interações com o externo.

A escola é um local privilegiado para a reflexão e debate das temáticas sociais que surgem na coletividade, sendo capaz de atuar de forma direta e decisiva em benefício da comunidade onde ela se encontra incorporada e na sociedade como um todo. É um sistema dinâmico, celeiro de inovações e transformações sociais, local onde visualizamos, na prática, as relações entre os diversos atores atuantes no palco escolar, tecendo teias com objetivo comum: a formação dos cidadãos e cidadãs para a vida em sociedade.

A escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento social ao promover a integração e a coesão entre indivíduos de diferentes origens e contextos. Ela não só proporciona a aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas também é um espaço essencial para a socialização e a formação de valores éticos e cívicos. Cortella refletindo sobre a escola argumentou:

A Escola está grávida de história e de sociedade, e, sendo esse processo marcado pelas relações de poder, o conhecimento é também político, isto é, articula-se com as relações de poder. Sua transmissão, produção e reprodução do conhecimento no espaço educativo escolar decorre de uma posição ideológica (consciente ou não), de uma direção deliberada e de um conjunto de técnicas que lhes são adequadas (2011, p. 103).

Nesse cenário, a escola deve reconhecer e abordar essas influências para garantir que a educação para o envelhecimento seja adequada às necessidades e realidades de todas as faixas etárias. Integrar a temática do envelhecimento de forma interdisciplinar e crítica desde os anos iniciais contribui para a formação de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Esse enfoque não só promove um entendimento mais profundo e respeitoso sobre a experiência da velhice, mas também assegura que a educação se adapte às mudanças demográficas e sociais, valorizando e preparando os indivíduos para uma convivência harmoniosa com todas as idades ao longo da vida.

Binoto, Santos e Viante evidenciam: A escola é um lugar privilegiado para

tratar do envelhecimento e temáticas relacionadas, como saúde, educação e direitos humanos, além de ser um espaço de compartilhamento de experiências, reflexões e debates sobre a pessoa idosa, envolvendo gestores, alunos e professores de diferentes áreas do conhecimento (2023, p 1).

Enquanto instituição educacional, a escola desempenha um papel fundamental na formação tanto dos discentes quanto dos docentes, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional de ambos. Para os discentes, a escola oferece uma base sólida de conhecimentos acadêmicos e habilidades práticas, além de promover o crescimento social e emocional. Por outro lado, a escola também é um campo fértil para o aprimoramento contínuo dos docentes, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento profissional e pessoal de diversas maneiras, como: desenvolvimento profissional, troca de experiências e práticas pedagógicas, feedback e reflexão, envolvimento comunitário, entre outros.

Boaventura de Souza Santos destacou que a escola pode ser vista como um espaço político, onde novas formas de democracia podem ser experimentadas. Ele argumentou que

relações de poder autoritárias, discriminatórias podem se transformar em relações de autoridade partilhada. Além disso ressalta a importância de uma articulação entre a democracia representativa e participativa, alargando o exercício da cidadania para além da prática do voto (Santos, 2010, p. 270).

Neste contexto, para democratizar o ensino e garantir uma educação de qualidade e inclusiva, surgiu a necessidade de um documento que orientasse as práticas pedagógicas das instituições de ensino: o Projeto Político Pedagógico (PPP) ~~instituído pelo art. 148, parágrafo 1 da Instrução Normativa INSS-DC 95/2003, obrigatório a partir de 01/01/2004.~~ É um “documento que atua como instrumento balizador do processo educativo, fortalecendo a escola e configurando-se como uma ferramenta de planejamento e avaliação” (Viçosa et al., 2017, p. 5), nele deve-se encontrar a identidade da escola, sua filosofia, metas, valores, estratégias pedagógicas e uma clara definição sobre o funcionamento das ações escolares, além dos conteúdos abordados.

O PPP é construído de maneira colaborativa envolvendo professores, gestores, alunos, funcionários e representantes da comunidade escolar. Considerando o contexto social e cultural da comunidade onde a escola está inserida, o PPP busca atender às especificidades e necessidades dos alunos, direcionando

esforços em busca de uma educação transformadora. Trindade et al. (2015, número de página) 1-16 (4) afirmam: “Planejar e construir um PPP é ter compromisso com uma educação de qualidade e participativa, é a união entre escola e comunidade, comunidade e escola, pois ambas são indissociáveis”.

Para ser eficaz, um bom PPP deve ser flexível e passível de atualização, adaptando-se às mudanças e aos desafios que surgem ao longo do tempo. Além disso, é fundamental que o documento seja um espaço de reflexão contínua, onde todos os envolvidos possam contribuir com ideias e experiências, garantindo que o PPP permaneça relevante e conectado às demandas e realidades dos alunos e da comunidade. Essa dinâmica não só fortalece a parceria entre a escola e a comunidade, mas também promove um ambiente educativo mais inclusivo e democrático.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é, sem dúvida, um instrumento essencial para orientar as práticas pedagógicas das escolas, promovendo uma educação de qualidade e inclusiva. Além disso, é fundamental que o documento seja um espaço de reflexão continuada, onde todos os envolvidos possam contribuir com ideias e experiências, garantindo que o PPP permaneça relevante e conectado às demandas e realidades dos alunos e da comunidade.

A construção do PPP, em muitas escolas, tem sido marcada por processos que não contemplam os princípios da gestão democrática, conforme afirmaram Maia e Costa (2013, p. 22):

Houve um equívoco no encaminhamento desse processo, uma vez que a construção do PPP foi imposta sem uma ampla discussão e preparação dos profissionais da escola. Além disso, a participação dos diversos segmentos da comunidade escolar no processo de reflexão e de tomada de decisão no interior das instituições escolares ainda era bastante prematuro, o que acabou comprometendo a sua legitimidade.

Nesse contexto, a elaboração do PPP ficou muitas vezes restrita à direção e à equipe pedagógica, que tinham a responsabilidade de produzir o documento e encaminhá-lo aos órgãos oficiais para aprovação. Essa prática tornou o PPP uma mera formalidade, distanciando-se dos fundamentos teóricos que o consagram como instrumento de gestão democrática e de intervenção no trabalho educativo escolar.

Para superar esses desafios e fortalecer o Projeto Político Pedagógico é imprescindível investir na formação continuada do corpo docente e na promoção de uma cultura de aprendizado contínuo e colaborativo. Ao integrar essa prática no PPP,

a escola valoriza o espaço de discussão entre os professores, permitindo a troca de experiências exitosas e a reflexão conjunta sobre os desafios enfrentados em sala de aula. Essa integração não só promove o engajamento de todos os envolvidos, mas também contribui para resgatar o PPP como um verdadeiro instrumento de transformação educativa e social, alinhando as demandas da comunidade escolar.

Diante dos desafios enfrentados pelas escolas é fundamental que o PPP contemple a inserção de temas transversais, conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC oferece um espaço importante para que esses temas sejam integrados nos currículos das diversas disciplinas. Além disso, o Estatuto da Pessoa Idosa, em seu artigo 22, estabelece que,

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo do envelhecimento, ao respeito e à valorização da pessoa idosa, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (Redação dada pela Lei nº 14.423 - Brasil, 2022, p. 12).

Essa disposição legal busca garantir que a educação formal inclua a temática do envelhecimento, promovendo uma compreensão mais ampla e o respeito à pessoa idosa ainda que sua implementação prática frequentemente esteja aquém do ideal.

O Estatuto da Pessoa Idosa destaca a importância de abordar o envelhecimento da população, um tema que se torna cada vez mais relevante nos ambientes escolares, especialmente entre os profissionais da educação e os cuidadores de crianças nos Anos Iniciais. É fundamental que essa abordagem seja incorporada à educação, pois cada vez mais os avós estão presentes dentro das escolas, desempenhando o papel de responsáveis pelas crianças não só no cuidar, mas também no acompanhamento das diversas atividades de escolares.

Azambuja (2021, p. 67), tratando deste novo lugar ocupado pelos avós dentro das escolas, destacou:

Esta convivência permeada de significados se insere em outra temporalidade na qual o compromisso maior não é com as tarefas objetivas [...]. Os avós se preocupam em passar, para seus descendentes, lições morais extraídas, em grande parte, dos casos, de suas próprias histórias de vida, como legados que as gerações mais velhas se esforçam para transmitir aos mais jovens [...].

Esta afirmação de Azambuja destaca o valor que os avós trazem ao ambiente escolar, especialmente por meio de uma convivência rica em significados que ultrapassa a transmissão de conteúdos formais. Ao compartilhar lições morais e

histórias de vida, os avós oferecem uma perspectiva temporal diferente e contribuem para a formação emocional e social das crianças, ajudando-as a enxergar o envelhecimento como parte natural da vida e a aprender com as experiências de outras gerações. A participação dos avós nas escolas pode contribuir para a construção de um ambiente de respeito e empatia, estimulando as crianças a compreenderem e valorizarem o papel dos avós em suas vidas e na sociedade.

Nessa perspectiva, torna-se particularmente relevante considerar a necessidade de uma educação para o envelhecimento. À medida que a população mundial envelhece, a escola desempenha um papel crucial como espaço de preparação para essa realidade, promovendo a conscientização e a valorização da experiência de vida. Nessa perspectiva afirmam Albuquerque e Cachione (2013, número de página): 141-163 (144).

A reflexão e o debate nas escolas sobre o envelhecimento consistem em uma oportunidade para revelar a velhice e o seu processo. Trabalhar com esse assunto nas escolas é de uma grande importância, visto que muitas pessoas passarão por esse momento.

Como celeiro de formação social, a escola tem a capacidade de moldar atitudes e comportamentos em relação ao envelhecimento, cultivando uma compreensão mais profunda da importância das pessoas idosas na sociedade. Integrar esses conteúdos ao currículo não apenas enriquece a formação dos alunos e dos professores, mas contribui para a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa em relação a todas as faixas etárias.

3.2 EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO: FUNÇÃO DA ESCOLA

Educar para o envelhecimento é um tema fundamental em uma sociedade que enfrenta o aumento da longevidade. É um dos grandes desafios deste século XXI. À medida que a expectativa de vida cresce, torna-se essencial preparar as futuras gerações para o envelhecimento saudável e ativo, que não se limite a cuidar de problemas de saúde, mas que também valorize o bem-estar emocional, social e espiritual. Nesse contexto contemporâneo, Doll afirmou:

Dentre as tarefas mais importantes está a formação de profissionais competentes para atuar em uma sociedade marcada por um número cada vez menor de crianças e outro cada vez maior de pessoas idosas e muito idosas (2011, p. 1689).

Em uma sociedade em rápido envelhecimento, marcada por uma crescente população de pessoas idosas, a formação de profissionais competentes, especialmente professores, se torna uma necessidade urgente. Esses educadores têm um papel fundamental na preparação das crianças para compreender e valorizar o envelhecimento, promovendo uma visão positiva dessa fase da vida. Para que os professores possam abordar o envelhecimento em suas práticas educativas, é essencial a inclusão de conteúdos sobre o envelhecimento saudável e ativo nas formações pedagógicas. Isso pode abranger tópicos como o ciclo da vida e a importância das interações intergeracionais.

Corroborando a constatação do envelhecimento populacional e a necessidade de formação gerontológica para os professores, a fim de incluir essa temática nas salas de aula, além do aumento da convivência entre três, quatro ou até cinco gerações, tanto na família quanto na comunidade, Todaro (2009, p. 8) afirmou:

[...] as escolas de ensino fundamental ainda não incluíram em seus currículos conteúdos sobre a velhice, os idosos e o envelhecimento, muito embora sejam conhecidas experiências de práticas educativas pontuais envolvendo relações entre idosos e crianças, como, por exemplo, visitas de alunos e professores a instituições asilares, e comemoração do Dia dos Avós ou do Dia Nacional do Idoso nas escolas.

Ao se limitar a essas datas comemorativas, ou a práticas pontuais como as visitas às instituições asilares, a escola corre o risco de reduzir o tema da velhice a algo sazonal. Essas práticas, embora valiosas em certo nível, não favorecem uma reflexão mais crítica e contínua sobre as questões mais amplas que envolvem o envelhecimento, como a saúde, os direitos, a cidadania e a quebra de estereótipos negativos. Como resultado, as crianças podem desenvolver uma visão distorcida da velhice, associando-a exclusivamente à fragilidade e ao distanciamento da sociedade, em vez de compreender o envelhecimento como um processo contínuo e multifacetado, que abrange uma diversidade de experiências e desafios.

A falta de uma abordagem sistemática e integrada sobre o envelhecimento no currículo escolar impede que os/as alunos(as) sejam estimulados a pensar criticamente sobre a dignidade da pessoa idosa e sobre a importância da inclusão social. Além disso, ao não fomentar o conhecimento sobre o envelhecimento ao longo de toda trajetória escolar, as escolas deixam de desempenhar seu papel na formação de cidadãos mais conscientes e empáticos.

Cada vez mais se faz necessário traçar itinerários que aproximem a teoria

gerontológica e a prática educativa como maneira não só de formar a nova geração para conviver com o marco da longevidade na sociedade e em si própria, mas também incentivar os professores a refletirem sobre suas próprias percepções do envelhecimento, desafiando estereótipos e preconceitos.

A implementação da gerontologia educacional² deve ser incentivada na formação dos professores, que precisam adquirir conhecimentos sólidos para refletir sobre sua própria condição de sujeito envelhecendo. Essa reflexão pessoal permitirá que desenvolvam, tanto em si mesmos quanto nos alunos, uma atitude realista sobre o envelhecimento.

Na atualidade, muitos contextos sociais perpetuam imagens negativas e estereotipadas do envelhecimento e das pessoas idosas. Como resultado, a maior parte do que se aprende sobre a velhice vem de interações e relacionamentos com pessoas mais velhas ou de representações em filmes, propagandas, músicas, livros, entre outros.

É fundamental que essas novas tramas sobre a educação para o envelhecimento sejam integradas ao espaço escolar. Freire (2005, p. 43) observou:

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino de conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber.

Essa reflexão nos leva a considerar que a educação deve ser um processo mais abrangente, que valorize as relações interpessoais e a formação integral dos indivíduos, especialmente em um contexto que inclua todas as fases da vida. É fundamental promover uma educação que reconheça e valorize a experiência e a sabedoria das pessoas idosas, desafiando os preconceitos e estereótipos.

Para isso podemos implementar em sala de aula projetos intergeracionais que conectem jovens e pessoas idosas, além de campanhas de conscientização que apresentem a velhice de maneira positiva. Iniciativas que brotem do chão da escola podem contribuir para a construção de uma sociedade que reconheça e respeite o

² Gerontologia e a educação são campos interdisciplinares, cuja interação favorece a formação de profissionais de nível médio e superior ligados à intervenção e à pesquisa em várias áreas de estudo ligadas à velhice e ao envelhecimento humano (educação gerontológica) e à educação permanente de idosos, de não idosos e da sociedade de um modo geral, acerca dos múltiplos aspectos do envelhecimento, colocados numa perspectiva de autodesenvolvimento ao longo de toda vida, de autonomia, de participação social e de direito à informação (gerontologia educacional) (Neri, 2014, p. 198).

envelhecimento como uma parte valiosa da vida.

Para Petry e Garces (2009), os professores buscam desenvolver e incentivar os alunos a terem uma vida ativa. No entanto, o tema “envelhecimento humano” não faz parte da aprendizagem dos alunos durante o processo de ensino na escola de forma alguma, e isso torna-se um aspecto negativo, já que esse tema seria importante para a conscientização dos alunos em relação a terem uma prática mais saudável e ativa. Desse modo, os professores poderão pensar e refletir sobre o seu processo de envelhecimento e estimular que seus alunos façam o mesmo, por meio de estratégias educacionais diversificadas, abordando o tema envelhecimento de forma transversal e/ou como conteúdo curricular.

Educar para o envelhecimento deve ser um eixo central na formação das novas gerações, visando combater preconceitos tanto em relação aos idosos quanto em relação ao próprio processo de envelhecimento, mesmo que pareça distante. Quando essa abordagem é incorporada à educação básica, ressalta-se a importância de discutir o envelhecimento desde a infância. Abordar o tema nos primeiros anos de vida é fundamental, pois ajuda as crianças a desenvolverem uma consciência mais plena sobre a vida e a valorizarem sua própria trajetória. Esse conhecimento não só enriquece suas vivências, mas também as prepara para enfrentar o envelhecimento de forma mais positiva e bem-informada.

Além disso, o envelhecimento, que já é uma realidade no cotidiano das escolas, precisa ser reinventado em termos de convivência entre gerações e valorização das diversidades etárias. Nesse contexto, Todaro (2009, p. 15) destacou a função da escola, afirmando: “Na escola, essa reinvenção de convívios pode ocorrer de maneira formal, por meio da inserção do tema velhice entre os conteúdos”.

A reinvenção de convívios pode facilitar a interação intergeracional, permitindo que os alunos aprendam diretamente com as experiências e sabedorias dos mais velhos. Essa abordagem não é apenas benéfica para os alunos, mas também para a comunidade escolar como um todo, fortalecendo laços entre gerações e criando um ambiente mais colaborativo e respeitoso.

A educação para o envelhecimento, além de ser uma temática essencial nas formações continuadas dos professores já em atuação, deve ser inserida com urgência nos currículos de graduação dos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas. Não deve se limitar a uma disciplina eletiva, mas sim integrada como disciplina obrigatória ao longo de mais de um semestre. Isso permitirá uma abordagem

mais profunda e interdisciplinar, aproximando a Gerontologia e a Pedagogia.

As universidades precisam estar atentas à formação de novos profissionais voltados para a compreensão das necessidades de uma nova categoria social em crescimento: a velhice. Nesse contexto, a Gerontologia oferece um importante suporte teórico à Pedagogia permitindo que esta cumpra seu papel de formadora de uma sociedade cada vez mais diversa e longa. Conforme apontou Sá (2011, p. 1683),

A gerontologia enquanto ciência originária do início do século 20, é produto da realidade social e das relações sociais. Ela se torna possível, necessária e legítima no momento em que se volta para o alcance da longevidade e da qualidade de vida no período chamado de “velhice”. Esse campo inédito de problemas acaba por se constituir na “razão de ser” da Gerontologia para a sociedade.

Integrar esse conhecimento ao campo pedagógico é essencial para formar educadores que compreendam a complexidade do envelhecimento e possam promover, nas escolas básicas, estudos dos processos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais que caracterizam essa fase da vida. Essas iniciativas visam desmistificar preconceitos e estimular uma visão positiva sobre o envelhecimento, além de favorecer uma educação intergeracional e a inclusão dos idosos nos espaços educativos. Ao proporcionar essa abordagem desde cedo, ajudamos as crianças a entenderem que o envelhecimento é um processo natural e contínuo, e que as pessoas idosas que serão no futuro já habitam em potencial dentro de si. Isso contribui para uma percepção mais empática e inclusiva sobre as diferentes etapas da vida.

A compreensão do envelhecimento como um processo pleno de significados nos leva a refletir sobre o papel da educação na promoção de uma sociedade mais consciente e inclusiva. Nesta seção, discutimos como a educação pode transformar percepções sobre o envelhecer, destacando a importância de formar professores capazes de abordar essa temática desde os anos iniciais. Após essa fundamentação teórica, apresentamos os caminhos metodológicos que orientam esta pesquisa, detalhando os objetivos, as escolhas metodológicas e os instrumentos utilizados para compreender os conhecimentos e as percepções dos professores(as) sobre o envelhecimento.

4 CAMINHOS PERCORRIDOS – OBJETIVOS E MÉTODO

Apresentaremos aqui os objetivos que orientam a pesquisa sobre as percepções dos professores(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal do Recife acerca do envelhecimento. A compreensão desse fenômeno, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, é essencial para desvendar como essas concepções influenciam a prática docente e, por consequência, a formação dos alunos.

Buscamos identificar as visões que os educadores têm sobre o envelhecimento, investigar como essas percepções se manifestam nas suas abordagens pedagógicas e levantar necessidades que emergem para a integração dessa temática no cotidiano escolar. Ao longo da seção, descreveremos os métodos utilizados para coletar e analisar os dados, proporcionando uma visão abrangente sobre as vivências e os desafios enfrentados por esses profissionais no contexto educacional.

4.1 OBJETIVOS

Vejamos os objetivos geral e específicos.

4.1.1 Objetivo Geral

Compreender, na perspectiva dos professores(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da rede municipal do Recife, o que entendem e dizem sobre o envelhecimento e as repercussões dessas concepções na prática docente.

4.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar o que os professores(as) entendem sobre envelhecimento no âmbito pessoal e profissional;
- Conhecer como os/as docentes inserem as suas concepções de envelhecimento na prática pedagógica;
- Desvelar as necessidades sentidas pelos professores(as) para a implantação da temática na sua prática educacional.

4.2 MÉTODO

A seguir, apresentamos a natureza da pesquisa, os participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos realizados.

4.2.1 Natureza da Pesquisa

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, devido a este método ter boa aplicabilidade nas investigações realizadas pelas Ciências Sociais. Minayo (2021, p. 14) afirma: “A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante”.

A pesquisa qualitativa tem seus fundamentos em uma estratégia com bases em dados coletados diante de interações sociais de grupos circunscritos, analisadas a partir dos significados que os atores atribuem ao fenômeno, de como vivem, pensam e sentem (Minayo, 2021).

4.2.2 Participantes

A pesquisa foi conduzida com 10 (dez) participantes da Rede Municipal de Ensino da cidade do Recife, os quais estavam lotados na escola escolhida como ambiente da pesquisa, abrangendo diferentes perspectivas da prática docente em relação ao envelhecimento populacional na comunidade escolar. O grupo incluiu cinco professoras, dois professores e uma coordenadora pedagógica que atua diretamente com os/as docentes na escola selecionada. Após as entrevistas iniciais com o grupo de profissionais atuante na escola, surgiu a necessidade de aprofundar a investigação sobre a quase ausência da temática do envelhecimento no contexto escolar. Assim, foram incluídas na pesquisa duas professoras responsáveis pela implementação da Política de Ensino da Rede Municipal e pela aplicação das leis educacionais que regem a Educação no Brasil.

O critério de inclusão para participar na pesquisa foi ser professor(a) na escola selecionada ou ocupar um cargo na gestão dos Anos Iniciais durante o período em que a pesquisa foi realizada. Essa composição diversificada possibilitou uma análise mais ampla das percepções, desafios e lacunas em relação à abordagem do envelhecimento na escola.

Quadro de participantes

NOME	IDADE / SEXO	ANO DE ATUAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA
A bisa fala cada coisa	48 anos / F	3º Ano	18 anos
Vovó quer namorar	60 anos / F	2º Ano	46 anos
A velhinha que dava nome às coisas	58 anos / F	1º Ano	23 anos
De trote em trote agarrei um velhote	50 anos / F	Aula atividade	26 anos
Gabi e o tesouro da juventude	52 anos / F	2º Ano	35 anos
Gente de Muitos Anos	39 anos / M	4º Ano	3 anos, aprovado no último concurso
Avó de todo mundo	44 anos / M	1º Ano	6 anos, ainda fazendo estágios
Atrás da porta	59 anos / F	Coordenação pedagógica	26 anos
Era uma vez três velhinhas	45 anos / F	Gerente do Programa de Alfabetização	24 anos
Vovó Delícia	52 anos / F	Gerente de Alfabetização, Letramento, Educação Infantil e Anos Iniciais	31 anos

4.2.3 Instrumentos

As participantes responderam a um questionário sociodemográfico (com dados como idade, escolaridade, estado civil, convivência com pessoas idosas, entre outros) (Apêndice A) e uma entrevista que foi conduzida de forma semidirigida (Apêndice B), possibilitando uma maior proximidade entre o pesquisador e o sujeito participante da pesquisa. Esta é uma técnica muito utilizada no trabalho de campo. Foi elaborado um roteiro prévio, com perguntas concebidas pela pesquisadora, correspondendo aos objetivos da pesquisa. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas (Minayo, 2021, p. 16).

Foi realizada apenas uma entrevista com cada participante, tendo duração média de 50 minutos a uma hora. Cada participante foi entrevistado(a) individualmente, no seu local e horário de trabalho, previamente combinado com a direção da escola.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, tentando-se manter ao máximo a fidelidade ao que foi dito, e também foram garantidos o anonimato e o sigilo acerca

das informações pessoais, para que cada participante se tranquilizasse quanto ao conteúdo tratado. Eles/elas receberam um nome fictício, de forma a manter o sigilo sobre sua identidade.

A pesquisadora selecionou para cada participante da pesquisa títulos de obras infanto juvenis, que tratam do tema do envelhecimento, cujo conteúdo abordado pelos autores esteja alinhado com as respostas obtidas nas entrevistas, acrescentando um trecho de cada obra.

4.2.4 Procedimento de Coleta de Dados

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa da UNICAP/PE-Plataforma Brasil, sob o CAAE nº 78029424.6.0000.5206 (Anexo A). A pesquisa teve início na escola com as entrevistas e subsequente a coleta dos dados. A pesquisadora entrou em contato com a escola por meio da coordenação, e a direção, em reunião, explicou aos professores e professoras os objetivos da pesquisa. Foi marcado um dia da semana, em que todos os docentes estavam presentes na escola para serem entrevistados.

No dia combinado, nos turnos da manhã e tarde, cada participante foi recebido pela pesquisadora na sala da coordenação, enquanto a coordenadora assumia suas atividades na sala de aula. A pesquisadora apresentou ao entrevistado/a o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que tomasse conhecimento do documento e o assinasse, o qual foi retido pela pesquisadora. Após essa etapa iniciou-se a entrevista, com o equipamento de gravação sendo ativado.

4.2.5 Procedimento de análise dos dados

A análise ocorreu em três fases: inicialmente houve a escuta das entrevistas e a transcrição para o texto escrito, permitindo uma compreensão das temáticas abordadas nas respostas dos entrevistados. Em seguida, foi feita a seleção dos conteúdos conforme os objetivos estabelecidos, resultando na definição de cinco categorias para discussão. Essas categorias guiaram a interpretação dos resultados, sendo relacionadas à literatura pertinente.

Em seguida, são apresentadas as características de cada participante da pesquisa, com seus respectivos pseudônimos, seguidas pelos resultados e

discussões organizados nas seguintes categorias: conhecimento sobre o envelhecimento, aspectos positivos do envelhecimento, aspectos negativos do envelhecimento, inserção do tema na prática pedagógica, necessidades percebidas para a implementação do tema e contribuições adicionais sobre a temática.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos a análise e as discussões dos dados coletados por meio das entrevistas/conversas com os(as) professores(as). Os questionamentos foram divididos em duas categorias: pessoal e profissional.

Iniciaremos expondo os dados sociodemográficos dos participantes, seguidos das categorias de análise.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Apresentamos aqui a caracterização das pessoas que participaram da pesquisa.

5.1.1 “A bisa fala cada coisa” (Carmen Lucia Campos)³

*“Minha bisa fala umas coisas estranhas...”
(Campos, 2013, p. 3)*

A professora recebeu o título desta obra como nome fictício. Durante nossa entrevista, ela mencionou que uma de suas alunas trouxe o livro para a aula. Ela começou a ler um trecho para a turma e, então, pediu permissão para interromper nossa conversa e ir buscar a obra. Eu já conhecia o livro e aproveitei a oportunidade para, após a conclusão da entrevista, discutir com ela algumas ideias sobre como explorar o texto com a turma.

A professora tem 48 anos, é solteira, sem filhos, mora em Paulista, com a mãe, uma senhora de 77 anos, uma sobrinha de 20 anos e a filha dela de seis anos. Diz que sua casa é bastante movimentada, pois tem cinco irmãos casados e com filhos.

Ela tem graduação em Pedagogia, leciona nesta escola nos turnos da manhã e tarde, no 2º ano dos Anos Iniciais, atendendo 43 crianças. Não sabe quantas crianças são criadas ou acompanhadas sistematicamente pelos avós, pois até então não tinha atentado para essa questão, mas fará um levantamento, porque gosta muito de trabalhar com gráficos, e me enviará o resultado.

³ Baseio-me aqui na obra infantil de Carmem Lucia Campos, intitulada “A bisa fala cada coisa!” (2017), onde a garotinha tenta compreender o significado das frases ditas pela bisavó, e imagina as mais inusitadas situações.

Afirma não pensar sobre seu envelhecimento e nem muito menos ter um projeto para vivê-lo; procura viver cada dia, sem pensar no que virá pela frente, embora tenha consciência que envelhecemos todos os dias.

5.1.2 “Vovó quer namorar” (Maria de Lourdes Krieger)⁴.

- *Se a senhora falar baixinho, ele não vai ouvir.
Vó desceu a cabeça até a minha.*
- *Marquei um encontro. Com um homem. Estou esperando por ele.*

(Krieger, 1997, p. 20).

A participante da pesquisa ganhou este cognome porque, durante a entrevista, expressou seu desejo de encontrar um namorado com quem pudesse compartilhar momentos de lazer, como dançar, viajar e desfrutar de experiências prazerosas e divertidas. Suas expectativas e sonhos de um relacionamento alegre e enriquecedor estão diretamente relacionados às aspirações da protagonista da obra “Vó Frosina”.

A professora tem 60 anos, é casada, tem duas filhas do seu primeiro casamento, ambas casadas e com filhos: uma tem 33 e a outra 32 anos. Atualmente, mora em Olinda com o seu segundo marido e um neto de 16 anos. Seu atual marido tem a mesma idade dela, mas está acamado, necessitando de cuidados para todas as atividades diárias. Em casa há duas cuidadoras, custeadas pelos filhos dele, já que ela trabalha em período integral.

Profissionalmente, é graduada em Pedagogia e leciona no turno da manhã no 2º ano dos Anos Iniciais, nesta unidade. Ela tem 16 (dezesesseis) alunos, acredita que cerca de 9 são criados pelos avós, que os acompanham nas atividades escolares e reuniões.

A professora reflete sobre seu envelhecimento e, embora ainda não se veja na fase da velhice, pensa em se aposentar eventualmente. Contudo, pretende continuar trabalhando, mas com uma carga horária reduzida. Ela também planeja viajar, namorar, dançar e se dedicar a trabalhos voluntários durante essa fase da vida.

⁴ Baseio-me aqui na obra infantil de Maria de Lourdes Krieger, intitulada “Vovó quer namorar” (1997), em que as atitudes da avó, irreverente e sonhadora com um grande amor, soam à caduquice ou coisa ridícula.

5.1.3 “A velhinha que dava nome às coisas” (Cynthia Rylant)⁵

A velhinha nunca recebia nenhuma carta porque todos os seus amigos já haviam morrido. Isso a preocupava.

(Rylant, 1997, p. 4)

O cognome da professora está relacionado com a obra mencionada, pois, durante sua entrevista, ela deixou claro que sua relação pessoal e familiar é predominantemente com pessoas bem mais velhas que ela. Essas pessoas, que provavelmente chegarão ao fim da vida antes dela, fazem com que ela apresente situações que poderão levá-la a se sentir como a velhinha descrita por Rylant (1997), que pode acabar sozinha. Esse aspecto de sua vida pessoal e familiar reflete a solidão abordada na obra.

A professora tem 58 anos e é viúva, tendo perdido seu filho único aos 28 anos, há pouco mais de dois anos. Atualmente vive com seu companheiro de 73 anos em Nossa Senhora do Ó, Maria Farinha, Paulista. Ela é graduada em Pedagogia e possui especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA), trabalhando como professora em regime de Contrato Temporário (CTD).

Na escola onde leciona, trabalha nos turnos da manhã e tarde, acompanhando 30 crianças do 1º Ano dos Anos Iniciais, com 15 em cada turno. Embora não tenha uma ideia precisa, sabe que muitas dessas crianças são criadas ou acompanhadas pelos avós.

Quanto ao seu próprio envelhecimento, a professora diz que pensa pouco sobre o assunto. No entanto, como seu companheiro é mais velho, ela o acompanha em suas atividades regulares e cuida da alimentação. Ela menciona que enfrenta alguns conflitos no dia a dia devido à diferença de idade e a forma como cada um encara os desafios cotidianos.

⁵ Baseio-me aqui na obra infantil de Cynthia Rylant, intitulada “A velhinha que dava nome às coisas” (1997), em que uma idosa sobreviveu à morte de todos os seus amigos e passou a dar nomes próprios aos objetos de sua casa.

5.1.4 “De trote em trote agarrei um velhote” (Mauro Martins)⁶

[...] A diferença de Serafina era bem outra: passar trote pelo telefone. Ela escolhia um número qualquer na lista, discava e ficava inventando coisas, dizendo mentirinhas.

(Martins, 1986, p. 5).

A alcinha da professora está relacionada à obra escolhida, pois durante nossa entrevista, ela expressou seu desejo de encontrar um namorado. Ela mencionou que na igreja, onde procura por um possível parceiro, já encontrou algumas pessoas, mas ainda não chegou “aquele parceiro que Deus vai me enviar”. Essa busca e a esperança de encontrar um companheiro refletem a temática da obra.

A professora, que acabou de completar 50 anos, é divorciada, evangélica, não tem filhos, mora sozinha no Janga e ainda espera encontrar um grande novo amor. Com formação em Pedagogia, atualmente não está atribuída a uma sala de aula específica, devido à sua lotação na escola, dedicando-se às atividades de suporte para outras professoras, para atender às outras atividades das professoras, o que permite circular em todas as turmas dos Anos Iniciais, do 1º ao 4º ano (Esta escola não oferece o 5º ano).

Durante suas interações com as diversas turmas, ela nunca presenciou qualquer professora abordando o tema do envelhecimento em suas disciplinas. No entanto, nota que há um número significativo de avós cuidando de netos nas escolas e na igreja que frequenta. Apesar disso, em sua opinião, é prematuro abordar esse assunto com as crianças, que necessitam principalmente de brincar. Adicionou que nem mesmo ela pensa muito sobre o envelhecimento, embora reconheça que a Bíblia, com suas passagens envolvendo personagens como Abraão, Jó, o rei Davi, trata amplamente da velhice.

A professora afirma que está ciente de que vai envelhecer, e planeja viver essa fase, após se aposentar, viajando, convivendo com alguém especial e realizando trabalhos voluntários, como já faz na igreja, apesar do seu tempo limitado devido ao trabalho.

⁶ Baseio-me aqui na obra infantil de Mauro Martins, intitulada “De trote em trote agarrei o velhote” (1986), em que uma idosa alegre e jovial, gostava de passar trote até que um dos “troteados” é o velhinho Serafim. Trata-se de uma história cheia de humor e alegria, onde se descobre que cada pessoa pode ter a idade que quiser.

5.1.5 “Gabi e o tesouro do oriente” (Tiago de Melo Andrade)⁷

[...] Aquele nome fez uma cosquinha na memória de Gabi. Não parecia estranho. Sentiu um estalinho e lembrou-se:

*- É meu bisavô,
Marido da bisa!
Ataliba!*

(Andrade, 2009, p. 7).

A escolha deste pseudônimo para a professora decorreu de uma das perguntas feitas durante a entrevista. Quando questionada sobre a inserção da temática do envelhecimento em sua prática pedagógica, compartilhou sua experiência com a obra em questão, realizada em outra rede de ensino. Ela mencionou que, ao trabalhar com o literário, no primeiro semestre do ano em curso, não percebeu a oportunidade de explorar as relações intergeracionais presentes no texto.

A professora tem 52 anos, é casada e tem dois filhos, um com 22 anos e outro com 18 anos, além de cuidar de um primo também com 18 anos. Ela reside no bairro do Arruda com seu marido, os filhos, o primo e sua mãe, que tem 84 anos. O marido é muito presente na vida da mãe dela, assumindo um papel significativo, especialmente porque ela está ocupada com o seu trabalho. Além disso, conta com a colaboração de uma prima para acompanhar a mãe nas consultas médicas.

A professora tem formação em Pedagogia e especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA) na área de Ciências Sociais. Ela trabalha nos três turnos, ensinando tanto na rede privada quanto na pública, nos municípios de Olinda e de Recife. No turno da tarde, ela leciona para crianças do 2º ano dos Anos Iniciais, com idades entre 7 e 8 anos. E diz: “Me dou conta, agora, diante dessa nossa conversa, que a presença das avós dessas crianças é notável e de que conheço mais avós do que mães envolvidas no acompanhamento escolar das crianças”.

Ela pensa no seu envelhecimento, especialmente por já enfrentar algumas limitações físicas e por conviver com as dificuldades de sua mãe. Acredita que será ainda mais desafiador para ela por não ter filhas. No entanto, ela tem planos para sua aposentadoria e deseja permanecer ativa profissionalmente, desenvolver uma

⁷ Baseio-me aqui na obra infantil de Tiago de Melo Andrade, intitulada “Gabi e o tesouro do Oriente” (2009), em que Gabi, ao visitar sua bisavó, encontra o antigo baú do seu bisavô Ataliba, e encontra um mapa do tesouro, cujo valor não se pode avaliar.

atividade voluntária na igreja que frequenta, morar à beira mar com o marido e viajarem juntos, aproveitando as coisas que não podem hoje.

5.1.6 “Gente de muitos anos” (Malô Carvalho)⁸

*Ter suas limitações respeitadas e se sentir muito,
muito amado.*

(Carvalho, 2009, p. 27).

A alcunha atribuída a este professor, o mais jovem do grupo entrevistado, foi escolhida com base em suas reflexões sobre o acompanhamento de seus familiares na fase da velhice. Ele expressou um desejo de inspirar em seus alunos uma consciência mais profunda sobre a importância de respeitar, cuidar e estar presente na vida de seus avós.

O professor, de 39 anos, é casado e tem um filho de 19 anos. Ele mora no bairro de Campo Grande com a esposa e o filho. Ele possui formação em Pedagogia, ingressou recentemente na Rede de Ensino no Município do Recife através de um concurso. Atualmente trabalha em duas escolas, nos turnos da manhã e tarde. Nesta unidade, lecionando no 4º ano pela manhã.

Ele afirmou não ter percebido o acompanhamento dos avós junto aos seus alunos, mas pretende ficar mais atento e discutir com as crianças sobre o assunto.

Pensa sobre seu envelhecimento, percebe um desrespeito da sociedade pelos direitos das pessoas idosas e, em muitas situações, o desrespeito dos jovens, seus próprios alunos. Ele se questiona sobre quem estará disponível para apoiá-lo na fase da velhice. E está buscando especializações para aumentar o seu salário, consciente de que nessa fase da vida os custos com medicamentos e cuidadores são significativos.

Além disso, ele tem planos de morar em outro país, em outro continente, para explorar outra cultura.

⁸ Baseio-me aqui na obra infantil intitulada “Gente de muitos anos” (2009) em que se chama a atenção das crianças para o direito dos idosos.

5.1.7 “Avó de todo mundo” (Nye Ribeiro)⁹

Avô é um barco viajado. Atingido por ondas, pedras e tempestades. Mas ele também é um porto seguro para os barquinhos novos [...].

(Ribeiro, 2018, p 4).

A escolha do codinome para o professor baseou-se em sua declaração sobre seu projeto de vida para a velhice, que inclui o desejo de “ser avô e brincar com os netos”. Na obra em questão são apresentados diversos tipos de avôs, cada um com atitudes e características distintas. Esses retratos oferecem ao leitor a oportunidade de refletir sobre as múltiplas formas de ser avô e as diferentes maneiras de vivenciar essa relação tão especial.

O professor, aos 44 anos, é solteiro, tem um filho de 14 anos, portador do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Reside em Igarassu, sua experiência com o envelhecimento começou com sua mãe, falecida há pouco mais de três anos. Atualmente ele encontra apoio e carinho em suas vizinhas idosas, que o ajudam muito nas atividades diárias de cuidar do seu filho.

Como estudante, ele está cursando Psicologia (6º período) e Pedagogia (4º período). Atua na escola como professor/estagiário, acompanhando crianças portadoras do TEA.

Observou que há muitas avós presentes na escola, trazendo os netos(as) e conversando com as professoras. No entanto, notou que o tema do envelhecimento não foi abordado, diretamente, nas salas de aula. Apesar disso, as professoras frequentemente destacam a importância do respeito aos mais velhos.

Criado pela avó, aprendeu desde cedo a respeitar a sabedoria e as experiências de vida das pessoas mais velhas. Ele espera se tornar avô, para brincar, contar histórias e ensinar muitas coisas aos seus netos. Pretende continuar vivendo próximo de seu filho, que requer cuidados especiais, e deseja também ser uma figura de avó para outras crianças na comunidade onde reside.

⁹ Baseio-me aqui na obra intitulada “Avô de todo mundo” (2018) em que a autora apresenta os diversos tipos de avôs que as crianças podem encontrar e identificar qual o jeito do seu avô.

5.1.8 “Atrás da porta” (Ruth Rocha)¹⁰

[...] Não sei o que eles conversaram. Mas na semana seguinte apareceu na frente da biblioteca uma faixa que dizia: FESTA DA BIBLIOTECA. NÃO PERCAM! ÚLTIMA SEMANA DE OUTUBRO!

O cognome foi concedido a esta professora em reconhecimento ao seu profundo comprometimento com o letramento dos alunos das escolas em que já trabalhou, incluindo a instituição onde atua como coordenadora pedagógica. Sua dedicação à valorização das obras literárias transformou a sala de leitura (biblioteca) em um espaço mágico de descobertas por meio dos livros. Desenvolveu estratégias criativas para incentivar alunos e professores a frequentarem a sala de leitura, promovendo uma vivência lúdica e enriquecedora do prazer pela leitura.

A professora, com 59 anos, é viúva e mãe de dois filhos adultos, de 41 e 39 anos. Reside em Campo Grande com o filho mais velho.

Ela é concursada da Rede de Ensino da Prefeitura do Recife, com 25 anos de docência. Graduada em Pedagogia, com especialização em Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar. Atualmente, desempenha o papel de coordenadora pedagógica na unidade escolar. Sua função abrange a formação em serviço das professoras e a supervisão do ensino aprendizagem dos estudantes do 1º ao 4º ano dos Anos Iniciais.

Possui experiência significativa no seguimento do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), tendo atuado tanto como professora, quanto como coordenadora pedagógica nessa área.

Ela destaca que a presença significativa das avós e de muitos avôs na escola é notável, tanto durante o acompanhamento dos alunos, como nas reuniões convocadas pela escola, e nos momentos dedicados ao desempenho escolar. Além disso, eles/elas estão presentes nas fichas de contato para qualquer necessidade de comunicação. Reconhece a importância e a urgência de abordar esse tema com todos os envolvidos na comunidade escolar e familiar.

Expressa que está constantemente refletindo sobre seu envelhecimento e já está cuidando ativamente da sua saúde física. Deseja viver sua velhice de forma

¹⁰ Baseio-me aqui na obra intitulada “Atrás da porta” (1997) em que Carlinhos e seus amigos atravessam a porta misteriosa e descobrem um mundo maravilhoso, que os leva a viajar pelo mundo sem sair de casa.

ocupada, considerando continuar na área da educação ou explorar outras atividades que despertem seu interesse. Para ela, é importante não ficar na situação da mãe, apenas aguardando o tempo passar, mas manter-se engajada e ativa, buscando novos desafios e oportunidades.

5.1.9 “Três velhinhas, tão velhinhas” (Roseana Murray)¹¹

Um dia teve uma ideia. Estava fritando um ovo e a ideia brilhou lá na gema do ovo. As três poderiam doar a casa, para casa virar um teatro. Um lugar vivo, com músicas e sonhos.

(Murray, 2013, p. 13).

O codinome da professora reflete sua dedicação em acolher quem a procura para uma conversa. Sua disposição para ouvir e apoiar os outros é acompanhada por uma constante busca por novas ideias que promovam um viver mais alegre e feliz. Sua abordagem está sempre alinhada com a intenção de melhorar a qualidade de vida e o bem-estar da comunidade escolar, promovendo um espírito de colaboração e positividade que se estende além das paredes da sala de aula.

A professora, aos 45 anos, vive uma união estável e é mãe de uma jovem de 17 anos. Os três moram juntos em Jardim São Paulo e são tutores de três pets.

Ela é pedagoga, com quase 25 anos de experiência dedicados aos Anos Iniciais, tendo ocupado diversos papéis como professora, coordenadora pedagógica, chefe da Divisão dos Anos Iniciais, entre outros muitos cargos. Possui especialização em coordenação pedagógica, e em Formação de Recursos Humanos, além de estar atualmente cursando uma nova especialização em Políticas Públicas, Gestão e Inovação na Educação. No momento, está afastada da sala de aula exercendo há dois anos o cargo de Gerente do Programa da Alfabetização na Rede Municipal de Ensino do Recife.

“Ainda não dei muita atenção ao meu próprio envelhecimento, como você está me apresentando agora, embora reconheça que o envelhecimento é uma experiência subjetiva e já sinto alguns sinais físicos. Vou conversar com o responsável pelo programa da rede, chamado Bem-estar. Pretendo discutir com ele sobre como abordar

¹¹ Baseio-me aqui na obra intitulada “Três velhinhas, tão velhinhas” (2013) em que três velhinhas moradoras de um casarão decidem que quando elas ficarem bem velhinhas mesmo este belo e grandioso espaço virará teatro, salas de concertos, biblioteca e até estufa para plantas.

o processo de envelhecimento, como você mencionou, com foco no autocuidado e no cuidado com os outros. Percebemos que nossos professores e professoras estão envelhecendo, e isso se reflete nas salas de aula. É crucial agir e trazer essa temática para o centro das nossas preocupações”.

5.1.10 “Vovó Delícia” (Ziraldo)¹²

[...] Meu maior desejo fazer uma porção de clones da minha avó. Para que todas as meninas do mundo possam ter uma avó igual a minha.

(Ziraldo, 2005, p. 73).

A alcunha atribuída à professora surgiu de sua declaração durante a entrevista de que, no futuro, pretende se tornar uma “vovó delícia” para os netos que já está ansiosa para receber. Ela está se preparando fisicamente para poder se envolver em boas brincadeiras e travessuras divertidas, com o objetivo de proporcionar uma rica relação intergeracional repleta de aprendizados e trocas significativas, promovendo um ambiente de carinho e aprendizado mútuo.

A professora de 52 anos é casada e tem uma filha de 17 anos. Os três residem juntos, no bairro das Graças. Ela possui formação em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia, além de um Mestrado em Tecnologia e Gestão em Educação. Ao longo de seus 31 anos de carreira na Educação, já atuou como professora na Rede Municipal de Ensino do Recife e em outras escolas da rede particular. Atualmente, ocupa o cargo de gerente na Gerência de Alfabetização, Letramento, Educação Infantil e Anos Iniciais.

Embora afirme não ter pensado muito sobre seu envelhecimento até agora, ela tem um sonho claro de morar numa cidade do interior. Junto com seu marido, está construindo uma casinha em Chã Grande. A partir desta pesquisa, ela planeja começar a considerar o momento de se aposentar. Seu objetivo é “continuar trabalhando, mas em um ritmo mais tranquilo, dedicando-se também a estudar, fazer um curso de dança e desfrutar do papel de avó”. Ela imagina ser uma avó muito

¹² Baseio-me na obra intitulada “Vovó Delícia” (2017) em que a neta descreve sua avó de maneira nova e original, pois essa avó ama, sofre por amor e dá a volta por cima porque, apesar de jovial, viveu o bastante para aprender uma porção de coisa e já ensina novos caminhos.

envolvida, proporcionando momentos de diversão e passeios aos netos, sem assumir o papel de mãe, apenas aproveitando esses momentos especiais.

6 ESCUTANDO AS PROFESSORAS E OS PROFESSORES: RESULTADOS E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Apresentamos aqui a análise dos resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os professores(as) dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maestro Capiba da Rede Municipal da cidade do Recife. Ao escutar suas experiências e reflexões, buscamos compreender as concepções que eles têm sobre o envelhecimento, incluindo os conhecimentos que detêm, os aspectos positivos e negativos que percebem nesse processo, e como essa temática é inserida na prática pedagógica.

Além disso, foi abordado o levantamento das necessidades que emergem para implementação efetiva da temática no ambiente escolar, bem como os acréscimos pessoais que os educadores associam a essa discussão. A análise desses dados nos permitiu aprofundar a compreensão sobre as dinâmicas do envelhecimento no contexto educacional e suas implicações na formação de uma cultura de respeito e valorização das diferentes fases da vida.

6.1 CONHECIMENTOS SOBRE O ENVELHECIMENTO

Nesta categoria, os professores(as) entrevistados compartilharam seus conhecimentos sobre o envelhecimento, destacando a sabedoria ao valorizar as experiências e os conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Sete dos participantes afirmaram refletir sobre essa fase da vida, seja porque já a vivenciam ou estão prestes a entrar nela ou observam seus familiares e pessoas próximas enfrentando essa realidade. Mesmo os entrevistados que afirmam não pensar sobre o envelhecimento reconhecem esta fase como uma *“etapa bonita, de muita sabedoria”* (A bisa fala cada coisa, 48 anos). Eles veem o processo do envelhecimento como um tempo oportuno para a construção de algo novo. Apesar das limitações, a velhice pode ser vista com alegria e não com tristeza.

Essas colocações ratificam o que disse Levy (2022, p. 15-16):

Nossas vidas são produtos de muitos fatores diferentes que não podemos controlar: onde nascemos, o que está nos nossos genes e os acasos que nos acontecem. Meu interesse é identificar os fatores que podemos controlar para melhorar nossa experiência de

envelhecimento e nossa saúde. Um desses fatores é forma como pensamos no envelhecimento e conceituamos o ciclo da vida.

Ao responderem os questionamentos sobre o tema, elas e eles expressam o que sabem e pensam a respeito do assunto:

[...] Penso, pois vejo a idade chegando, procuro aprender com minhas vizinhas, embora já tenha 60 anos, ainda não me vejo na fase da velhice e nem sei quando se começa a envelhecer (Vovó quer namorar, 60 anos).

[...] Não é um problema, mas é necessário se manter ativo fisicamente e intelectualmente para viver a velhice de forma tranquila (Era uma vez três velhinhas, 45 anos).

[...] Envelhecemos desde que nascemos, mas tomamos consciência quando começamos a perceber algumas limitações. Tenho medo de ficar dependente e sem esperança, como está minha mãe (Atrás da Porta, 59 anos).

[...] Penso bastante no meu envelhecimento, pois já tenho muitas limitações. E não tenho filha para cuidar de mim na velhice. E é o fim da novela (Gabi e o tesouro do Oriente, 52 anos).

Na literatura, Neri (2014, p. 135) fundamentou essas colocações ao afirmar:

O envelhecimento é também um processo sociológico, na medida em que cada sociedade estabelece a idade para início da velhice, a qual marca a mudança de status e em papéis sociais e se relaciona com mudanças na identidade e na percepção da idade pelas pessoas.

As três professoras que afirmaram não pensar sobre o envelhecimento assim se colocaram:

[...] Não penso sobre o envelhecimento. Vivo um momento de cada vez (A bisa fala cada coisa, 48 anos).

[...] Penso muito pouco sobre o envelhecimento, pois na palavra de Deus (a Bíblia) está escrito que tudo tem o seu tempo e eu acho que ainda não é o tempo de pensar (De trote em trote agarrei um velhote, 50 anos).

[...] Não penso no meu envelhecimento, vivo muito ativamente, estou pensando agora por causa de nossa conversa (Vovó Delícia, 53 anos).

Essas três professoras manifestam uma diversidade de atitudes que podem ser analisadas de acordo com os seguintes aspectos: a negação ou desconexão em relação ao conceito do envelhecimento, dando preferência a viver as experiências presentes no cotidiano; a influência religiosa, a crença em um tempo predeterminado para refletir sobre a própria velhice; o impacto da atividade e do engajamento que impedem a percepção do envelhecimento, tornando a reflexão e a consciência do mesmo quando provocada por circunstâncias externas.

A visão negativa da velhice, frequentemente associada à perda da autonomia e à discriminação, pode fazer com que essas professoras evitem refletir sobre seu próprio envelhecimento. Elas tendem a agrupar como “farinha do mesmo saco” envelhecimento, doença, privação, dependência, tristeza e frustração, conforme apontaram Minayo e Coimbra Jr. (2004, p. 12).

Na fala de “Gabi, o tesouro do oriente”, 52 anos, *“não tenho filha para cuidar de mim na velhice”*, reflete-se o papel cultural do cuidado, tradicionalmente atribuído às mulheres pela sociedade. Essa expectativa é resquício de uma geração que, desde a infância, vivenciou a doação e o cuidado como características inerentes ao sexo feminino. Carvalho, Fontoura e Moreira (2013, p. 335) afirmaram: “Desde muito cedo as mulheres aprendem com brincadeiras e exemplos familiares a absorção de papéis essencialmente femininos e voltados para a formação do lar e da família”.

Essa socialização desde a infância reforça estereótipos que associam o feminino ao cuidado, à maternidade e à responsabilidade doméstica, limitando as possibilidades de escolha e autonomia das mulheres. Essa realidade, embora enraizada, precisa ser questionada e transformada por meio da educação.

Outro aspecto a ser destacado nesta categoria são as falas dos dois professores do sexo masculino, que estão inseridos no universo dos Anos Iniciais, o que de certa forma é raro nas escolas do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano).

Os dois professores, quando questionados sobre suas perspectivas em relação ao envelhecimento, destacaram uma visão voltada para a generatividade, que é a preocupação em contribuir para o desenvolvimento e bem-estar das gerações seguintes. Eles expressaram suas atitudes da seguinte maneira: nesta mesma categoria, se colocaram na perspectiva da generatividade:

[...] *“momento de contribuir com os jovens ...para que eles errem menos em suas escolhas para o futuro” (Gente de muitos anos, 39 anos).*

[...] “ver meu filho encaminhar a vida dele e brincar com meus netos” (Avó de todo mundo, 44 anos).

De acordo com Erik Erikson (1968 apud Carpigiani, 2010), a generatividade refere-se à preocupação central em estabelecer e orientar a próxima geração, promovendo o crescimento e o desenvolvimento deles. Ele chama a atenção para o retirar de si mesmo o foco e voltar-se para a sociedade em geral, doando-se à comunidade e ao mundo.

Analisando o termo generatividade, Fonda (2012, p. 238) afirma:

Para mim, a palavra reúne os conceitos de geração, gerar e criatividade: nossa geração precisa gerar (com criatividade) assistência e cuidados por outras coisas e pessoas além de nós mesmos.

Essas declarações dos dois professores refletem a visão de que, ao envelhecer, há um valor significativo em investir no futuro das novas gerações, seja por meio do suporte ou orientação aos jovens ou pelo envolvimento ativo com a comunidade escolar ou familiar.

Três professoras expressaram em suas falas que, ao envelhecerem e se aposentarem, desejam se dedicar a um trabalho voluntário, em benefício das muitas pessoas necessitadas que encontram em seus bairros ou nas igrejas que frequentam. Atualmente, devido ao seu envolvimento em atividades profissionais muito ativas, elas não conseguem se engajar efetivamente nesse tipo de atividade.

[...] Desenvolver um trabalho voluntário no meu bairro, vejo muitas pessoas idosas e crianças sem condições, meio que abandonadas... (Vovó quer namorar, 60 anos).

[...] Ajudar nos hospitais, embora não seja da área, posso me engajar indo passar uma tarde conversando com as pessoas idosas (De trote em trote agarrei um velhote, 50 anos).

[...] Continuar envolvida nos projetos de ajudar as pessoas necessitadas, como já faço na igreja que frequento, mas tenho hoje pouco tempo para me dedicar (Gabi, tesouro do oriente, 52 anos).

Com base nas colocações das professoras, que também expressaram outros interesses pessoais, ressalta-se o valor do trabalho voluntário como forma de promover um envelhecimento produtivo. No entanto, como afirmam Lopes e Neri (2011, p. 1597),

Não devemos entender que o trabalho voluntário é a única forma de inclusão social do idoso, pois nem todos os idosos, se interessam, se envolvem de maneira permanente e percebem esse tipo de atividade como possível opção de engajamento.

6.2 ASPECTOS POSITIVOS

As professoras e os professores entrevistados têm uma visão da velhice baseada nas experiências de seus familiares e vizinhos, mas raramente refletem sobre seu próprio envelhecimento. A obra de Andréa Pachá (2018), “Velhos são os outros”, sugere que muitas vezes as pessoas associam a velhice aos outros, não a si mesmas, o que pode levar a uma visão idealizada ou distante dessa fase da vida.

Nesta temática são recorrentes nas falas das professoras e professores entrevistados a sabedoria e a experiência acumulada pelas pessoas idosas. Elas são vistas como testemunhas de uma vida plena e significativa, embora as fragilidades pessoais também façam parte da fase da velhice.

Conforme Neri (2014, p. 313), “a emergência de sabedoria na velhice depende de uma vida rica em experiências, de motivação intrínseca e de oportunidades culturais.

As falas dessas professoras refletem na prática as ideias discutidas na literatura:

[...] Envelhecimento poço de conhecimento e sabedoria (Vovó Delícia, 52 anos).

[...] A velhice é uma dádiva. É preciso adentrar nessa fase com a cabeça boa e tranquila (Vovó quer namorar, 60 anos).

[...] As pessoas idosas precisam ser observadas, olhadas, pois têm muito o que ensinar com sabedoria e experiência (A velhinha que dava nome as coisas, 58 anos).

[...] A carga de experiência para olhar a vida já vivida (Atrás da Porta, 59 anos).

Ainda abordando os aspectos positivos do envelhecimento, outro ponto de destaque mencionado pelos docentes entrevistados é a questão da aposentadoria. Neri (2014, p. 21) afirma: “A aposentadoria não é um evento inesperado no curso da vida, pois tem componentes antecipatórios: as pessoas se preparam para ela fazendo planos, ouvindo a experiência de outrem [...]”.

Essa afirmação aponta para a aposentadoria como um evento previsto no curso da vida, marcado por processos antecipatórios que envolvem planejamento e aprendizagem a partir das experiências de outros. Essa visão reforça que a aposentadoria não deve ser vista apenas como um ponto de chegada ou ruptura, mas como uma transição que pode ser preparada ao longo do tempo

Confirmando esse posicionamento, os(as) docentes entrevistados expressaram a seguinte visão:

[...] Usufruir da minha aposentadoria, passear, estudar (Maluquinho de família, 39 anos).

[...] Aposentar-me e aproveitar a vida com meu marido (A velhinha que dava nome as coisas, 58 anos).

[...] Me aposentar para fazer tudo no meu tempo (Vovó delícia, 53 anos).

[...] Aposentar e ir morar na beira da praia com meu marido (Gabi e o tesouro do oriente, 52 anos).

Diante dessas colocações fica claro o quanto os profissionais da educação dos Anos Iniciais da Rede Municipal do Recife anseiam pela aposentadoria, mesmo aqueles que estão começando na docência, como Maluquinho de família, de 39 anos, aprovado este ano no concurso para professor. Durante as entrevistas, ficou evidente que a profissão de professor está profundamente integrada às suas vidas: embora desejem se aposentar, eles também expressaram o desejo de continuar trabalhando. Conforme destacou Vovó delícia, de 53 anos, há o interesse em “*continuar na educação, desenvolvendo outros projetos, dando consultoria*”.

A declaração de Vovó Delícia está alinhada com a visão de Rodrigues (1999, p. 46) que afirma: “Aprender, estudar, incorporar novos conhecimentos, estar atento ao mundo e com o mundo é a coisa melhor que existe para manter a capacidade intelectual, para se manter ativo”.

Para esses profissionais, permanecer envolvidos com a docência em diferentes formas, após a aposentadoria, é visto como uma forma de envelhecer ativamente e manter-se intelectualmente estimulados e plenamente vivos.

De todos os/as partícipes da pesquisa, só uma professora afirmou não encontrar na velhice nem um ponto positivo e assim se expressou:

[...] Não percebo nenhum ponto positivo no envelhecimento. Tenho medo de envelhecer (Vovó quer namorar, 60 anos).

A declaração desta professora e suas colocações durante a entrevista oferecem uma visão valiosa sobre como a percepção negativa da velhice pode influenciar alguns indivíduos. Conforme afirmam Minayo e Coimbra Jr. (2004, p. 14), “O que torna a velhice sinônimo de sofrimento é mais o abandono que a doença; a solidão que a dependência”. Essa perspectiva pode levar à perda da saúde, à diminuição da capacidade física e a impactos negativos na qualidade de vida social e no bem-estar emocional.

6.3 ASPECTOS NEGATIVOS

Por outro lado, os docentes abordaram as fragilidades, as limitações e possíveis experiências de dependência e solidão associadas a essa fase da vida.

[...] Minha mãe sabe viver na cabeça, mas não quer agregar novas relações ao social (A bisa fala cada coisa, 48 anos).

[...] Solidão no meio da família (Gabi, e o tesouro do oriente, 52 anos).

[...] Ser desprezado pelos mais jovens (Gente de muitos anos, 39 anos).

[...] Ter feito escolhas erradas durante as outras fases da vida (Avó de todo mundo 44 anos).

[...] Desesperança, dependência, tenho medo de ficar dependente de meus filhos e sem esperança como minha mãe, esperando a morte chegar (Atrás da porta, 59 anos).

[...] O aparecimento das doenças, das fragilidades emocionais (Vovó delícia, 53 anos).

Corroborando as colocações dos professores e professoras, Dias (2013, p. 262) afirma:

É preciso observar que as alterações variam de indivíduo para indivíduo e dependem de inúmeros fatores. Entre eles aparecem fortemente o estilo de vida, a genética, as condições ambientais e as características pessoais.

Essa afirmação ressalta a complexidade e a individualidade do processo de envelhecimento, destacando que ele não ocorre de forma homogênea entre as pessoas. Essa perspectiva é fundamental para desconstruir estereótipos relacionados à velhice, que muitas vezes associam essa fase da vida exclusivamente a limitações ou declínios. Ao considerar fatores como estilo de vida, genética, condições ambientais e características pessoais, Dias (2013) aponta para a multiplicidade de influências que moldam a experiência de envelhecer.

Nesse mesmo contexto, destacamos também o estudo realizado por Santos e Bastos (2019, p. 237) onde afirmam:

Encontrar sentido de vida na velhice está diretamente ligado à capacidade do indivíduo em correlacionar aspectos positivos e negativos, tanto no momento presente como ao longo do curso de vida, tentando encontrar um equilíbrio que lhe dê certa estabilidade emocional.

As abordagens de Dias, Santos e Bastos são relevantes para a educação, pois reforçam a necessidade de tratar o envelhecimento de maneira diversificada e contextualizada, reconhecendo que cada indivíduo possui uma trajetória única. No contexto escolar, essas reflexões podem inspirar práticas pedagógicas que incentivem e valorizem hábitos saudáveis e que promovam o envelhecimento ativo, tanto para alunos quanto para professores, contribuindo para uma formação mais humana e empática.

Em síntese, refletir sobre o envelhecimento não apenas nos confronta com a inevitabilidade do passar do tempo, mas também nos inspira a buscar novos propósitos, a valorizar cada fase da vida com sabedoria e serenidade, buscando aprender com a geração que nos precede, como disseram estas entrevistadas:

[...] Meu pai aproveitou a vida, apesar das dificuldades com o glaucoma. Quero viver como ele, até os 95 anos (A velhinha que dava nome as coisas, 58 anos).

[...] Minha vizinha, mais velha do que minha mãe, mas tem vontade de viver, é um exemplo para mim (Gabi e o Tesouro do Oriente, 52 anos).

As falas dessas duas professoras, que fazem memória ao pai e admiram a forma de viver da vizinha, demonstram como as experiências de vida de pessoas próximas podem influenciar nossa percepção do envelhecimento. Essas lembranças se alinham ao que Almeida, Silva e Leal (2022, p. 38) destacam: “A memória que nos deixa tocar pelos registros vividos, emerge trazendo lembranças de um passado que se perpetua no presente e lança luz sobre o futuro [...]”.

As experiências positivas que essas professoras recordam não apenas mantêm vivas as memórias de seus entes queridos, mas também moldam suas expectativas e perspectivas para o envelhecimento.

A percepção dos professores e das professoras sobre o envelhecimento também desempenha um papel crucial, pois o conhecimento que possuem sobre o processo de envelhecimento influencia diretamente sua capacidade de reconhecer as potencialidades de uma vida ativa e as limitações decorrentes da saúde e o contexto social.

Assim, os aspectos negativos e positivos do envelhecimento são moldados não apenas pelas condições externas, mas também pelo modo como cada indivíduo, incluindo os educadores, compreende e lida com suas próprias experiências e trajetórias de vida. Investir no conhecimento sobre o envelhecimento é essencial para que os docentes possam promover ensinamentos interdisciplinares diminuindo preconceitos e incentivando uma visão mais inclusiva dessa fase.

Ao valorizar as diferentes histórias, vivências e sabedorias dos idosos, lembramos as palavras do Papa Francisco (2018, p. 11): “Se queremos ter uma visão para nosso futuro, deixemos nossos avós nos dizerem, deixemos que compartilhem seus sonhos conosco”.

6.4 INSERÇÕES DA TEMÁTICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nesta categoria, as professoras e professores entrevistados detalharam como abordam a temática do envelhecimento em suas práticas pedagógicas. Elas e eles ressaltaram que o assunto é tratado de maneira pontual, frequentemente em relação a atitudes como o respeito pelos mais velhos ou no contexto de conteúdos de Ciências

que discutem as fases da vida. No entanto, não há uma intenção pedagógica explícita de educar os alunos para a fase do envelhecimento. A seguir, apresentamos as colocações de três professoras sobre o respeito às pessoas mais velhas:

[...] Sempre que surge uma situação de desrespeito aos avós que cuidam das crianças, eu abordo a importância do respeito (A bisa fala cada coisa).

[...] Falo constantemente sobre o respeito e o tratamento com o outro de uma maneira geral (Gabi e o tesouro do oriente).

[...] Quando as crianças compartilham situações de casa que envolvem tios, tias, avós, pais, eu enfatizo a importância do respeito aos mais velhos que cuidam delas (Vovó quer namorar).

Essas professoras, ao abordarem o respeito com seus alunos, estão trabalhando atitudes alinhadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2001), especificamente nos objetivos gerais apresentados no volume de Ética para o Ensino Fundamental: “adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade democrática e pluralista”. No entanto, elas ainda não contemplam a temática do envelhecimento em seus ensinamentos.

É fundamental reconhecer como a ausência de propostas concretas nos livros didáticos que os professores escolhem nas escolas, para usar por um período de quatro anos, pode impactar a abordagem de temas importantes, não apenas nas aulas de Ciências, mas em toda a educação. A ausência de diretrizes claras sobre a temática do envelhecimento pode levar os docentes a improvisarem, resultando em discussões sem foco e a interpretações variadas. Vejamos o que duas professoras e um professor comentaram:

[...] No conteúdo de Ciências abordo as fases da vida e falo sobre a velhice na família, conectando à importância do respeito e da obediência (Vovó quer namorar).

[...] Quando discuto as fases da vida e a alimentação em Ciências, menciono como cuidar da avó que vive com eles, incentivando-os a estimular seus avós a caminhar e beber água (A velhinha que dava nome as coisas).

[...] Ao tratar das fases da vida em Ciências (nascer, crescer, reproduzir e morrer), eu enfatizo a importância do respeito às pessoas idosas (Gente de muitos anos).

As falas desses docentes evidenciam a importância de integrar o tema do envelhecimento de forma interdisciplinar, abrangendo as diversas áreas e não se limitando apenas à disciplina de Ciências. Como afirma Todaro (2009, p. 15), “Engana-se quem pensa que somente o currículo ensina. As crianças, desde muito pequenas, vivem em ambiente intergeracional natural, do qual fazem parte pais, avós, irmãos mais velhos e outros adultos”.

Essa abordagem permite uma compreensão mais ampla e significativa, promovendo valores como respeito e cuidado em relação às pessoas idosas em diferentes contextos educacionais.

Outras três professoras e um professor não incluem a temática do envelhecimento em suas práticas pedagógicas e justificam:

[...] Acabo me esquecendo dessa temática. Os livros didáticos não tratam do assunto, e eu não me sinto segura para abordar (A velhinha que dava nome as coisas).

[...] Meus alunos são muito pequenos para trabalhar essa temática. Os livros didáticos não a incluem, então não sinto necessidade de falar nesse assunto (De trote em trote agarrei um velhote).

[...] Os livros didáticos não tratam da temática de forma direta (Gente de muitos anos).

[...] Trabalho sempre com projetos, mas nunca elaborei um voltado para essa temática. Estou começando a perceber a importância disso com o que você disse e vou pensar em algo para o segundo semestre. Pretendo visitar uma obra que já li para eles, que fala dos(as) bisavós (Gabi e o tesouro do oriente).

As declarações dessas três professoras e do professor mostram um panorama misto sobre a abordagem do envelhecimento nas aulas. Fica clara a necessidade de maior apoio e recursos para os educadores, além de incentivos que os levem a refletir sobre a importância de discutir o envelhecimento de forma consciente e respeitosa. Essa temática não apenas enriquece o aprendizado dos alunos, mas também fortalece os laços familiares e intergeracionais na comunidade escolar.

As três professoras da rede, atualmente em funções de orientação aos docentes, desempenham um papel fundamental na articulação entre os conteúdos curriculares. Como mediadoras, elas facilitam a integração dos temas discutidos nas

salas de aula com as diretrizes pedagógicas, promovendo a inclusão de questões relevantes no currículo.

Em relação à temática do envelhecimento e à presença significativa dos avós nos ambientes escolares, elas ressaltam que esse assunto é frequentemente negligenciado, sendo tratado apenas em ocasiões específicas ou eventos pontuais. Para Azambuja (2021, p. 65-66), “[...] os avós participam das atividades oferecidas pela escola, como festas e reuniões de pais, e somente não comparecem quando a mãe ou o pai assumem a responsabilidade”.

Duas professoras destacam a questão da presença dos avós nos ambientes escolares:

[...] As avós e os avôs são cada vez mais figuras tão presentes e, cada vez mais, responsáveis pelas crianças na escola (Atrás da porta).

[...] As questões do envelhecimento não são abordadas; às vezes quando chega o Dia dos Avós, ou alguma questão específica, eles são convocados pela escola (Era uma vez três velhinhas).

Essa abordagem limitada contrasta com a realidade de muitas famílias, onde os avós assumem papéis fundamentais na criação e no cuidado dos netos. Nesse contexto, Coelho Barata e Santos (2022, p. 314) afirmam:

No Brasil, como em outros países, é crescente o número de avós que se tornaram os principais cuidadores de seus netos por vários motivos, tais como: o aumento de problemas sociais, desemprego dos pais, separação/divórcio, gravidez na adolescência, negligência, uso de álcool e outras drogas, abandono e maus tratos pelos pais.

Diante disso torna-se evidente a urgência de incluir discussões sobre o envelhecimento nos estabelecimentos de ensino. Essa inclusão não apenas reconhece a importância dos avós, mas também prepara as crianças para entender as complexidades das relações intergeracionais.

[...] As questões relacionadas ao envelhecimento não são abordadas. Não há materiais nem propostas específicas para evidenciar essa temática tão importante. Somente agora, durante nossa conversa, estou percebendo sua relevância. Você está me fazendo refletir sobre o assunto, e todos nós estamos envelhecendo.

[...] Diversas temáticas formativas permeiam a formação dos professores, com especial ênfase na inclusão, que é o foco da educação no momento. Embora a temática do envelhecimento esteja prevista no Estatuto do Idoso, sua implementação não ocorre conforme exigido pela lei. Eu participo de muitas formações, inclusive fora do estado, mas nunca vi essa temática sendo abordada (Vovó Delícia).

Perante as falas dos entrevistados e entrevistadas sobre a inserção do envelhecimento na prática pedagógica, apoiamo-nos em Freire (2009, p. 135) que afirma que ensinar exige dos(das) educadores(as) “disponibilidade para o diálogo”. O processo do envelhecimento é um tema transversal, vivenciado intensamente pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos(as) e educadores(as) em seu cotidiano. Por isso, precisa ser incorporado a todos os campos do conhecimento. A disponibilidade para o diálogo é essencial para que os(as) educadores(as) abordem o envelhecimento de forma sensível e aberta, criando espaços onde os(as) estudantes possam compartilhar percepções e experiências.

6.5 NECESSIDADES PERCEBIDAS PARA IMPLANTAÇÃO DO TEMA

Nesta categoria, os professores e as professoras destacam a falta de investimento da rede de ensino em formações continuadas sobre a temática do envelhecimento como um ponto crítico. A partir de nossa conversa, eles observaram que essa área não recebe a mesma atenção que outras temáticas como etnia, bullying, gênero, meio ambiente, entre outras. De forma unânime, comentaram sobre a carência de recursos e iniciativas voltadas para abordar essa questão. As colocações dos educadores(as) corroboram o que afirma Todaro (2009, p. 8):

As escolas de ensino fundamental ainda não incluíram em seus currículos conteúdos sobre a velhice, os idosos e o envelhecimento, muito embora sejam conhecidas de práticas educativas pontuais envolvendo relações entre idosos e crianças.

Vejamos algumas das considerações dos entrevistados(as):

[...] A formação vinda da rede com essa temática é essencial (A bisa fala cada coisa).

[...] A rede não incentiva. Oferece muita formação sobre diversas temáticas e sugestões de como trabalhar em sala de aula, mas sobre o envelhecimento, não, nunca (Vovó quer namorar).

[...] Fazer parte das nossas formações. A gente, professor, precisa conhecer o tema para poder ensinar para os nossos alunos (A velhinha que dava nome as coisas).

[...] Como posso ensinar sobre o envelhecimento, se não sei nada sobre o assunto? (De trote em trote agarrei um velhote).

[...] A rede aborda tantas questões sobre o letramento, por que não incluir esse conteúdo em textos trabalhados com as crianças? (Gabi o tesouro do Oriente).

[...] Preciso aprender para poder ensinar. Há tantas temáticas nas formações o que falta para que essa tão importante seja contemplada? (Gente de muitos anos).

[...] Falta formação, estudo sobre o assunto. O foco da sociedade não é mais crianças e adolescentes (Avó de todo mundo).

[...] A rede precisa se antenar para o aumento do número de idosos nas escolas (professores, funcionários, comunidade) e investir em formações, para que a temática do envelhecimento esteja presente em todos os componentes curriculares (Atrás da porta).

[...] É necessário conscientizar os professores, os alunos, a mim mesma, como você estão fazendo agora (Era uma vez três velhinhas).

[...] Devemos trabalhar a concepção, a compreensão do que é inclusão, tema central da educação na atualidade e, por esse caminho, ir adentrando no envelhecimento (Vovó Delícia).

Essas declarações ressaltam a necessidade urgente de incluir a temática do envelhecimento nas formações continuadas dos educadores(as). Cachione e Todaro (2021, p. 3) observaram que,

Embora o envelhecimento apareça nos dispositivos legais, num contexto em que as pessoas idosas estão ganhando maior visibilidade, nos perguntamos se a inserção do tema tem sido feita nos diferentes níveis de escolarização. Tal questão revela uma lacuna a ser preenchida desde a formação de professores(as) [...].

Ao incluir essa temática, não apenas se ampliam os conhecimentos sobre a diversidade etária, mas também se promove uma abordagem mais empática e respeitosa, visando à construção de uma educação mais inclusiva e consciente. Isso

contribui para a criação de ambientes de aprendizagens que valorizem a experiência e a sabedoria dos mais velhos, além de promover o respeito e a convivência harmoniosa entre as gerações.

Ainda nessa categoria, outras falas merecem destaque, pois professoras e professores reconhecem a importância de se dedicarem pessoalmente ao estudo e à compreensão do fenômeno do envelhecimento, tanto em relação a si mesmo quanto à comunidade onde a escola está inserida. Assim, é fundamental que a temática do envelhecimento seja incorporada desde cedo de maneira interdisciplinar nos conteúdos abordados em sala de aula. Vejamos o que dizem os participantes da pesquisa:

[...] Até percebo o envelhecimento, mas não tenho tempo de buscar o conhecimento sozinha (A bisa diz cada coisa).

[...] Eu não busco esse conhecimento, mas agora, você falando, eu estou refletindo e percebo que é importante, as crianças convivem com os avós (Vovó quer namorar).

[...] Eu preciso arrumar um tempo para estudar e pesquisar sobre esse assunto, tão urgente. Eu estou me aproximando da velhice! (A velhinha que dá nome as coisas).

[...] Eu preciso aprender por meio de leituras, não mais ficar esperando; você despertou essa necessidade. Meus alunos serão as pessoas idosa do amanhã e preciso ensiná-los a viver melhor e a valorizarem seus avós hoje (Gente de muitos anos).

[...] Meu Deus, o que posso fazer? Penso no meu papel de articuladora dos documentos que regem a Educação, na Política de Ensino da rede, nos PPP das escolas, que não tratam de maneira efetiva essa temática. Ufa, tenho muito a fazer. Obrigada por me despertar (Era uma vez três velhinhas).

A conclusão de que podemos tirar a partir dessas falas é que há uma crescente conscientização dos educadores sobre a importância de integrar a temática do envelhecimento nas práticas pedagógicas. Eles reconhecem a necessidade de se aprofundar sobre o assunto, tanto para o seu desenvolvimento pessoal, quanto para a formação de suas crianças, que serão os futuros cuidadores e valorizadores das pessoas idosas.

No entanto, Todaro (2009, p. 8) chamou a atenção para a falta de discussão dos profissionais da educação para o fenômeno do envelhecimento ao afirmar: “Os educadores ainda não discutem sistematicamente em suas reuniões de trabalho pedagógico a fundamentação pedagógica que embasaria tais práticas”.

Para avançar nessa conscientização, é fundamental que as escolas criem espaços regulares para que os educadores possam dialogar e compartilhar ideias sobre como integrar efetivamente essa temática em suas práticas.

Outro destaque que merece atenção nesta categoria é a fala da professora, nomeada pela obra “A bisia diz cada coisa”, que afirmou:

[...] Já ouvi falar no Estatuto da Pessoa Idosa, mas não o conheço, nunca tive acesso.

Essa declaração evidencia uma importante lacuna na formação e no acesso às informações sobre os direitos das pessoas idosas. Tal situação aponta para a necessidade de iniciativas que ampliem a disseminação de conhecimentos sobre o Estatuto, tanto entre os profissionais da educação, quanto na sociedade em geral.

6.6 ACRÉSCIMO SOBRE A TEMÁTICA

Nesta categoria, os professores e as professoras tiveram a oportunidade de expressar livremente o que mais desejariam comunicar sobre a pesquisa, a partir dos questionamentos levantados e da breve reflexão realizada sobre a temática do envelhecimento. Eles compartilharam:

[...] Valorizar os avós, tão desprezados na família e na sociedade, visto como “burros velhos”. Ela ouviu esse depoimento de um avô (A bisia diz cada coisa).

A fala desse avô ganha lugar na colocação de Debert (2019, p. 23): “Os velhos seriam uma minoria desprivilegiada, uma subcultura, com um estilo próprio de vida que se sobrepunha às outras diferenças sociais”.

[...] Estou vendo a partir de nossa conversa, que a velhice é uma dádiva, mas é preciso chegar nela com a cabeça boa, tranquila (Vovó quer namorar).

[...] É preciso olhar mais para as pessoas idosa, pois elas têm muito o que ensinar com a experiência e a sabedoria adquirida ao longo da vida (A velhinha que dava nome as coisas).

[...] Você me despertou a vontade de trabalhar a temática com meus alunos, vou fazer um projeto para o segundo semestre (Gabi e o tesouro do Oriente).

[...] Vamos olhar para essas pessoas idosas que estão chegando a nossa escola, representadas pelos avós, que muitas vezes são um pouco ignoradas (Atrás da porta).

Outros fizeram sugestões e pedidos para que a pesquisa se tornasse uma ação concreta dentro da escola, evitando que ficasse engavetada. E propuseram:

[...] Traga para nós professoras e professores, sugestão de leituras, nos ensine a trabalhar a temática na sala de aula (A bisa fala cada coisa).

[...] Venha conversar com as famílias, numa reunião de pais, elas também precisam ouvir o que você me ensinou agora (Vovó quer namorar).

[...] Você me fez pensar que estou envelhecendo, quero aprender mais (Gabi e o tesouro do Oriente).

[...] Por favor, nos traga mais esse conhecimento, nós não o temos e fica difícil abordar, sem se apropriar (Gente de muitos anos).

[...] Vou levar esse tema para um programa da rede, chamado Bem-estar do Professor e chamar você para fazer esse despertar, como está fazendo comigo (Era uma vez três velhinhas).

[...] Vamos fazer dessa sua pesquisa o começo de um trabalho de incentivo à temática com os professores dos anos iniciais e do EJA, colocar em prática essas reflexões tão pertinentes (Vovó Delícia).

O entusiasmo com esse novo aprendizado demonstrado por esse grupo faz link com a Declaração de Hamburgo, de 1997, grande marco da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que destacou o papel social da educação e ressaltou que, “Uma vez experimentada a alegria de aprender, a gente não esquece nunca mais: ela se repete e se reproduz ao longo de toda vida; ela não esgota jamais” (Unesco, 1999, p. 18).

A única professora que não fez nenhum acréscimo ou sugestão sobre a temática justificou sua posição dizendo:

[...] Não tenho nada a acrescentar, estou ouvindo esse assunto pela primeira vez, embora atue em muitas redes de ensino (De trote em trote agarrei um velhote).

Essa declaração revela a falta de acesso e de formação sobre o tema do envelhecimento, mesmo entre profissionais que atuam em diversos contextos educacionais. Como afirma Dias (2013, p. 269),

Acreditamos que a educação para o envelhecimento deve ocorrer desde que nascemos, pois, a velhice que cada ser humano terá depende de como ele cuida do seu corpo e mente ao longo do seu ciclo vital. Consideramos necessário encarar o envelhecimento como uma fase natural do desenvolvimento humano, incluindo perdas e ganhos.

A ausência de conhecimento sobre a importância de discutir o envelhecimento nas escolas evidencia a necessidade de integrar esse tema de forma mais consistente nos programas de formação docente e nas políticas educacionais. A fala dessa professora também sinaliza uma oportunidade: o potencial para sensibilizar e despertar o interesse de educadores(as) que ao entrarem em contato com a temática pela primeira vez podem ser motivados a buscar uma compreensão mais aprofundada e a incluir discussões sobre envelhecimento em suas práticas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se você quiser construir um navio, não convoque homens para juntar madeira, dar ordens e dividir o trabalho. Antes, ensine-os a se apaixonar e desejar o eterno e distante mar

(Antoine de Saint-Exupéry), 2019,174, in Masi

Realizar o Mestrado foi, para mim, um grande desafio pessoal. Não encontrei as sete cabeças, nem o “bicho”, que muitos dizem habitar no percurso acadêmico, mas vivi dias de grande aprendizado, fiz novas conexões, tanto geracionais quanto intergeracionais, e tive a oportunidade de trocar saberes com professores e colegas. As portas de todos os espaços onde realizei as pesquisas se abriram com acolhimento, disponibilidade e sinceridade, especialmente nas respostas aos questionamentos propostos.

Esta dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica destacou a necessidade urgente de integrar a Gerontologia Educacional no ambiente escolar, trazendo benefícios significativos para a sociedade. Educar para o envelhecimento é uma responsabilidade coletiva, que transcende a escola, envolvendo famílias e comunidade em geral.

A educação é o agente mais eficaz de transformação social, e, portanto, o tema do envelhecimento deve ser apresentado às crianças de hoje, que serão os adultos do amanhã, especialmente em uma sociedade em que três ou quatro gerações coexistem.

Conforme a legislação brasileira para a educação apresentada neste trabalho, já existe uma previsão e incentivo para ações educativas sobre o envelhecimento em todos os níveis da educação formal. No entanto, na prática, essa temática permanece distante da realidade escolar, ou seja, pouco explorada nas escolas.

É fundamental que o tema do envelhecimento seja contemplado nos currículos e integrado de forma interdisciplinar aos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das instituições, garantindo que a legislação vigente se traduza em práticas pedagógicas concretas.

Cultivar uma visão positiva e crítica sobre o envelhecer contribui para um futuro mais inclusivo e harmonioso, em que todas as idades são respeitadas e valorizadas. Nesse contexto, a abordagem dialógica, proposta por Paulo Freire, é fundamental. Ao fomentar reflexões sobre os próprios processos de envelhecimento e sobre as demais

gerações, docentes e discentes se tornam agentes de uma cultura de empatia e respeito intergeracional. Esse enfoque gera espaços seguros de diálogo e troca, incentivando a conscientização crítica sobre o envelhecimento.

Compreender a perspectiva dos professores e professoras sobre o envelhecimento tornou-se claramente perceptível quando afirmaram não conhecer a temática. Isso se deve ao fato de que o assunto não foi abordado em suas formações acadêmicas e, também, não é tratado nas formações ou capacitações oferecidas pela rede de ensino. Como resultado, muitos se sentem inseguros para abordar o tema nas disciplinas que ensinam.

Em algumas entrevistas, as participantes expressaram emoções profundas, muitas vezes com lágrimas, ao refletirem sobre os desafios e dilemas pessoais acerca do envelhecimento. Esses momentos reforçam a importância de uma escuta empática, atenta e acolhedora, que permita aos educadores expressarem suas experiências e inseguranças, muitas vezes encobertas pela expectativa de uma “juventude eterna”.

A capacitação dos professores, tanto na graduação quanto na formação continuada, é igualmente fundamental para que possam se apropriar da temática do envelhecimento e, de forma interdisciplinar, integrá-la em todas as disciplinas. Essa formação não deve ver o envelhecimento como ponto final, mas como uma nova etapa repleta de oportunidades, aprendizagens e contribuições.

Assim, os educadores podem preparar as novas gerações para enxergar o envelhecer com naturalidade e respeito, promovendo uma educação para a vida que valorize cada etapa do desenvolvimento humano e incentive a convivência intergeracional. Dessa forma, contribuem para a construção de uma sociedade mais solidária, inclusiva e consciente das contribuições e necessidades das pessoas em todas as fases da vida.

Esses educadores representam uma força que impulsiona o ambiente escolar a se tornar um espaço de reflexão crítica e de diálogo intergeracional, alinhado aos princípios freireanos que fundamentam esta pesquisa. A opção por dar título de obra literária aos participantes buscou não apenas se alinhar com a proposta freireana de educação, mas também incentivar futuros pesquisadores e professores a explorarem o potencial de obras infanto-juvenis para promoverem uma leitura crítica e reflexiva desde cedo. Esse valioso recurso pedagógico reforça a importância de incluir a

temática do envelhecimento na educação, abrindo caminho para sensibilizar novas gerações para questões de empatia, respeito e compreensão ao longo da vida.

Em relação à forma como os/as docentes abordam a temática do envelhecimento no cotidiano escolar, foi possível perceber que não há uma intenção pedagógica explícita de educar os/as estudantes para essa fase da vida. O tema é tratado de maneira pontual, geralmente em situações em que atitudes de desrespeito em relação às pessoas mais velhas são observadas.

Os resultados desta pesquisa revelaram algumas particularidades: primeiro, a necessidade relevante de sensibilizar os professores(as) sobre o envelhecimento, abordando-o de forma que vá além dos estereótipos e promova uma visão inclusiva e positiva. Segundo, observou-se que a abordagem freireana é eficaz para incentivar o diálogo e a conscientização crítica sobre o envelhecimento. Terceiro, o uso da literatura infantil emergiu como uma ferramenta potente para introduzir o tema do envelhecimento às crianças, favorecendo uma compreensão acessível e significativa desde cedo. Por fim, a pesquisa evidenciou o potencial do debate sobre o envelhecimento para fortalecer os vínculos intergeracionais na escola, promovendo a empatia e o respeito pelos mais velhos, e contribuindo para uma educação mais positiva e inclusiva.

Ao fomentar uma visão positiva e crítica sobre o envelhecimento, promovemos uma educação transformadora que enxerga o envelhecer como parte essencial da vida em sociedade, reconhecendo a sabedoria e as contribuições das gerações mais velhas como patrimônio coletivo. Dessa forma, contribuímos para uma educação que não apenas prepara para o futuro, mas que valoriza a vida em toda sua plenitude e diversidade.

Os resultados da pesquisa confirmam a hipótese de que os/as docentes não abordam o envelhecimento em sala de aula por falta de conhecimento e segurança sobre o tema. Embora possuam alguns conhecimentos e reconheçam sua importância, outros fatores dificultam a abordagem em sala de aula. Essa lacuna parece estar relacionada à ausência desse assunto na formação inicial, conforme apontado em suas respostas, bem como à ausência de materiais didáticos que abordem o tema de forma acessível. Relataram sentir dificuldades para tratar de temas relacionados ao envelhecimento, tanto por falta de preparo quanto por desconhecerem materiais pedagógicos adequados.

Percebemos, ao longo da pesquisa, a necessidade e o desejo dos professores em compreenderem a temática e, além disso, a disponibilidade em implementarem ações na escola para desenvolver a questão da educação para o envelhecimento.

Por fim, ressaltamos a importância de que mais pesquisas sejam realizadas sobre a educação para o envelhecimento no contexto escolar, com ênfase na formação de uma cultura intergeracional e inclusiva. Estudos futuros podem aprofundar a compreensão das melhores práticas para integrar a temática do envelhecimento nos currículos escolares, além de explorar metodologias pedagógicas que promovam o respeito e a valorização das diferentes gerações. Investir em pesquisas com esse viés contribuirá para o desenvolvimento de uma educação que prepare as novas gerações para uma convivência harmoniosa e empática, promovendo transformações sociais que beneficiem a todos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marília Silva de; CACHIONE, Meire. Pensando a Gerontologia no Ensino Fundamental. **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo. v. 16. n. 3, p. 141-163, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/190001/14152>. Acesso em: 13 mar. 2024.

ALMEIDA, Carla Verônica Albuquerque; SILVA, Diana Léia Alencar da; LEAL, Teresa Cristina Merhy. História de vida e travessias de uma mulher negra: da infância à universidade. In: ABREU, Elmar Silva de; LEAL, Teresa Cristina Merhy; REIS, Wanderlene Cardozo Ferreira (Orgs.). **Envelhecimento e educação: travessias de vida e formação**. Coleção Envelhecimento e Vida Familiar. Volume 6. Curitiba: CVR, 2022.

ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

ANDRADE, Tiago de Melo. **Gabi e o tesouro do Oriente**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. **O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar**. Curitiba: CVR, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

BOTH, Agostinho; PASQUALOTTI, Adriano; BOTH, Taliana Lima. Gerontologia, Longevidade e Educação: Fundamentos, Práticas e Processos. In: FREITAS, Elizabete Viana de. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

_____. **Lei nº 8.842**. Política Nacional do Idoso. Brasília, 1994.

_____. **Lei nº 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Apresentação de Ester Grossi. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. **Lei nº 10.741**. Estatuto da Pessoa Idosa. Brasília: Senado Federal, 2003.

_____. **Lei nº 9.131/95.** Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Brasília: Senado Federal, 2017.

CACHIONE, Meire; TODARO, Mônica de Ávila. Envelhecimento como tema transversal na Educação Básica. **Revista Teias de Conhecimento**, [s.l.], v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/teias/article/view/172228>. Acesso em: 03 ago. 2024.

CAMARANO, Ana Amélia; PINHEIRO, Luana (Org.). **Cuidar, Verbo Transitivo:** caminhos para a provisão de cuidados no Brasil. Rio de Janeiro: Ipea, 2023. il. color. ISBN: 978-65-5635-057-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/9786556350578>.

CAMARANO, Ana Amélia; FERNANDES, Daniele. Famílias: espaços de cuidados e espaços a serem cuidados. In: CAMARANO, Ana Amélia; PINHEIRO, Luana (Org.). **Cuidar, Verbo Transitivo:** caminhos para a provisão de cuidados no Brasil. Rio de Janeiro: Ipea, 2023. il. color. ISBN: 978-65-5635-057-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/9786556350578>.

CAMPOS, Carmen Lucia. **A bisa fala cada coisa.** São Paulo: Panda Books, 2013.

Carpigiani, Berenice. **Erick H. Erikson: teoria do desenvolvimento psicossocial. Newsletter.** Edição 7. Ago. 2010.

CARVALHO, Ana Barreiros de; FONTOURA, Clarissa Santos; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Maternidade e paternidade contemporâneas. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (Org.). **Psicologia, família e direito:** interfaces e conexões. Coleção Família e Interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2013.

CARVALHO, Malô. **Gente de muitos anos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAIMOWICZ, Flávio; CAMARGOS, Mirela. A saúde dos idosos no Brasil. In: FRANCISCO, Cristiane Brasil (Org.). **Viver é a melhor opção:** envelhecer... faz parte! Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer e a Amizade.** Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1999.

COELHO, Maria Teresa Barros Falcão; BARATA, Ana Luiza Santos R. B.; SANTOS, Júlia Saturno. Oficina com avós guardiãs: Promovendo a educação em saúde no contexto escolar. In: DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (Org.). **Avosidades:** teoria, pesquisa e intervenção. Campinas, SP: Alínea, 2022.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COSTA, A. A.; CARVALHO, T. A. **Educação e Desenvolvimento Econômico: A Influência da Qualidade da Educação na Economia Brasileira**. São Paulo: Editora FGV, 2015.

DEBERT, Guita Grin. O corpo e a reinvenção da velhice. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira; BRITO, Eliana Sales; MOREIRA, Lucia Vaz de Campos; FERREIRA, Marilaine Menezes (Orgs.). **Envelhecimento e Intergeracionalidade: Olhares interdisciplinares**. Coleção Família e desenvolvimento humano. Volume 2. Curitiba: CRV, 2019.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Velhice: vulnerabilidades e possibilidades. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (Org.). **Psicologia, família e direito: interfaces e conexões**. Coleção Família e Interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2013.

DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA DA APA. Reimpressão 2022. Gary R. Vanden Bos, organizador; tradução de Daniel Bueno, Maria Adriana Veríssimo Veronese, Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DOLL, Johannes. A educação no processo de envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia (Eds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

Erik Erikson (1998). Referência consultada no livro: o aprender na terceira idade. O aprender na terceira idade: diferentes olhares e práticas. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2021. **RETIRAR, Fiz a citação no APUD**

FONDA, Jane. **O melhor momento: aproveitando ao máximo toda a sua vida**. Tradução de Débora Landsberg. São Paulo: Paralela, 2012.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Tradução de Gilda Aquino. São Paulo: BRINQUE-BOOK, 1995.

FRANCISCO, Papa e amigos. **Sabedoria das idades**. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Autonomia: sabores necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GOLDFARB, Delia Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Avosidade: a família e as gerações. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

GRANEMANN, Sara. **Envelhecimento e políticas sociais em contexto de crises e contrarreformas**. Curitiba: CRV, 2019.

GOMES, Beatriz. **título o que você já sabe sobre envelhecer?** In: HIRSCH, Sonia. **Velhas amigas: o que você já sabe sobre envelhecer?** Petrópolis, RJ: Correcotia Edições e Produção, 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KALACHE, Alexandre. **Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova**. 23/01/2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1987000300001>. Acesso em: 01 maio 2024 às 13:10'

KASSULKE, Adelaide Graeser; SOARES, Antonio Vinicius. Envelhecimento: aprendizagem e vivência sob a perspectiva de Erikson. **Revista Confluências Culturais**. Joinville, v. 11, n. 2, p. 72-82. 2022. ISSN 2316-395X

KRIEGER, Maria de Lourdes. **Vovó quer namorar**. 8. ed. Coleção terceiras histórias. São Paulo: FTD, 1997.

LEVY, Becca. **A coragem de envelhecer: a ciência de viver mais e melhor**. Tradução de Claudio Carina. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.

LIBARINO, D. D. S.; REIS, L. A. dos. Envelhecimento e trabalho: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica da FAINOR**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 1, p. 2-18, 2017.

LOPES, Andrea; NERI, Anita Liberalesso. Trabalho Voluntário e Envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

LOPES, Manoel José; MENDES, Felismina R. P.; SILVA, Antônia Oliveira (Orgs.). **Envelhecimento: estudos e perspectivas**. São Paulo: Martinari, 2014.

MAIA, Benjamim Perez; COSTA, Margarete Terezinha de Andrade. **Os desafios e as superações na construção coletiva do Projeto Político-Pedagógica**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

MARTINS, Mauro. **De trote em trote agarrei o velhote**. 16. ed. São Paulo: Moderna, 1986.

MASI, Domenico de. **O mundo ainda é jovem: conversas sobre o futuro próximo com Maria Serena Paliere**. Tradução de Siene Cordeiro Campos, Reginaldo Francisco. São Paulo: Vestígio, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 5 reimpressões. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

_____. **Título** **Entre a liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (Org). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Coleção Antropologia & saúde, volume 1. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ética**. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (Org.). **Psicologia, família e direitos: interfaces e conexões**. Curitiba: Juruá, 2013. (Coleção Família e Interdisciplinaridade).

MURRAY, Roseana. **Três velhinhas tão velhinhas**. Coleção arteletra. São Paulo: Paulus, 2013.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em Gerontologia**. 4. ed. Ampliada e revisada. Campinas, SP: Alínea, 2014.

PACHÁ, Andréa. **Velhos são os outros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O estudo da velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

PETRY, Luiza; GARCES, Solange Beatriz Billig. A percepção do processo de envelhecimento no contexto de trabalho dos professores de Educação Física. **Revista Digital**, Buenos Aires, Año 14, n. 132, 2009.

<https://www.Efdeportes.com/ed132/a-percepcao-do-processo-de-envelhecimento.htm>. Acesso em: 15 ago. 2021. In: Binotto, Maria Angélica; Santos, João Pedro Alves dos; Viante, Thays Fernanda. **O tema do envelhecimento no contexto escolar: uma análise dos projetos políticos pedagógicos de escolas públicas**. 2009. **RETIRAR. ABAIXO FIZ A REFERÊNCIA correta**

PICHLER, Nadir Antonio; SILVA, Thiago Radünz. Noções sobre o envelhecimento humano: os estágios de Erik Erikson. In: CAIERÃO, Iara; CERONI, Denise Costa. **O aprender na terceira idade: diferentes idades e práticas** (Org.). Rio de Janeiro: Wak, 2021.

Projeto Político Pedagógico. Instrução Normativa INSS DC 95/2003. **RETIRAR**

QUEIROZ, Tânia Dias. **Dicionário Prático de Pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Rideel, 2011.

RIBEIRO, Nye. **Avô de todo mundo**. 2. ed. Valinhos: Roda & Cia, 2018.

ROCHA, Ruth. **Atrás da porta**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

RODRIGUES, N. do C. A prática pedagógica junto ao idoso. **A terceira Idade** – Sesc, São Paulo, Ano V, n. 7, 45-49, jun. 1999.

RODRIGUES, Nara Costa; RAUTH, Jussara. Os desafios do envelhecimento. In: SENA, Teresa Bezerra de. O envelhecimento na sala de aula: a importância de atividades educativas intergeracionais na educação básica. **Revista Portal de Divulgação**, n. 15, Out. 2011. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>. Acesso em: 19 fev. 2024.

RYLANT, Cyntia. **A velhinha que dava nome às coisas**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1997.

SÁ, Jeanete Liasch Martins de. A formação profissional em gerontologia. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

SALGADO, Carmen Delia Sanches. Mulher idosa: a feminilização da velhice. **Estud. interdisciplinar**. envelhec., Porto Alegre, v 4, 2002.

GOMES, Beatriz. **título o que você já sabe sobre envelhecer?** In: HIRSCH, Sonia. **Velhas amigas: o que você já sabe sobre envelhecer?** Petrópolis, RJ: Correcotia Edições e Produção, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e político na pós-modernidade**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Joana D' Arc Silva; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. **Título O envelhecer para educadoras idosas (Aposentadas): trajetórias e sentido da vida**. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; BRITO, Eliana Sales; FERREIRA, Marilaine Menezes (Orgs.). **Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares**. Coleção Família e desenvolvimento humano – Volume 2. Curitiba: CVR, 2019.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. **Enfermagem Geronto-Geriátrica: Da reflexão à ação cuidativa**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

SARAIVA Junior, José Ribamar Fernandes. Freud e o envelhecimento: a importância da compreensão psicodinâmica do idoso. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Envelhecimento Humano, 2017. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/1581>. Acesso em: 28 abr. 2024 às 13:10.

Silva, Thiago Radünz; Pichler, Nadir Antonio. **Noções sobre o envelhecimento humano: os estágios de Erik Erikson**. In: CERONI, Bianca Costa [et al.]. O aprender na terceira idade: diferentes olhares e práticas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021.

SOUZA, D. F.; SILVA, M. R. **Educação Inclusiva**: Desafios e Possibilidades. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

TRINDADE, Lessandra Maria de et al. Projeto Político Pedagógico: a gestão e a função social da escola para a comunidade. **Revista Científica Semana Acadêmica**: edição 69, Brasília, v. 1, 2015. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_equipeppp_0.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024.

TODARO, Mônica de Ávila. **Vovô vai à escola**: a velhice como tema transversal no ensino fundamental. Campinas, SP: Papirus, 2009.

TURA, Luiz Fernando Rangel; CARVALHO, Diana Maul de; BURSZTYN, Ivani. Envelhecimento, Práticas Sociais e Políticas Públicas. In: LOPES, Manuel José; MENDES, Felismina R. P.; SILVA, Antônia Oliveira. **Envelhecimento**: Estudos e Perspectivas. São Paulo: Martinari, 2014.

UNESCO. **Declaração de Hamburgo**: agenda para o futuro. Brasília. SESI/UNESCO, 1999.

_____. **Educação de qualidade para todos**: um assunto de direitos humanos. 2. ed. Brasília: UNESCO, OREALC, 2008.

VIANTE, Thays Fernanda; DOS SANTOS, João Pedro Alves; BINOTTO, Maria Angélica. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v.28 e 128703, 2023. DOI: 10.22456/2316-2171.128703

VIÇOSA, Catia Silene Carrazoni Lopes et al. Diagnóstico no projeto político pedagógico sobre transversalidade e interdisciplinaridade no ensino fundamental. **Revista Ciências & ideias**, Nilópolis, v. 8, n. 3, setembro/dezembro 2017.

ZIRALDO. **Vovó delícia**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Revista Temporalis**. Brasília, ano 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. DADOS GERAIS

1.1 NOME

1.2 IDADE

1.3 ESTADO DE SAÚDE

1.4 ESTADO CIVIL

1.5 FILHOS: IDADES

1.6 NÍVEL DE ESCOLARIDADE

1.7 TEMPO DE DOCÊNCIA

1.8 COM QUEM RESIDE

1.9 LOCAL DE RESIDÊNCIA

1.10 PESSOAS IDOSAS NA FAMÍLIA

1.11 GRAU DE PARENTESCO

1.12 NÍVEL DE ENVOLVIMENTO COM ESSAS PESSOAS

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Você convive com pessoas idosas?
2. Você pensa sobre o seu envelhecimento?
3. Em sua opinião quais os pontos positivos do envelhecimento? E os negativos?
4. Como você percebe o envelhecimento
5. Para você quando começamos envelhecer?
6. Você admira alguma personalidade de destaque na atualidade, já na fase da velhice, que lhe inspira? Por quê?
7. Como você pretende viver sua velhice? Você tem algum projeto?
8. Você aborda o tema do envelhecimento em sua prática pedagógica? Se sim, em que momento?
9. Caso aborde, que recursos você utiliza para vivenciar a temática?
10. Os livros didáticos utilizados por você como norteadores de sua prática pedagógica? Se sim, em que momento?
11. Em que medida a Rede de Ensino da cidade do Recife, incentiva o seu trabalho com essa temática?
12. No seu plano de aula mensal, você faz uso de alguma obra literária sobre o envelhecimento?
13. O que você acha que é necessário para implementar esse conteúdo na sala de aula?
14. O que diria a uma ou um colega, sobre a temática do envelhecimento para os estudantes?
15. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre esse assunto?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
---	--

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa “: Percepções e conhecimentos das professoras do Ensino Fundamental I sobre o processo do envelhecimento”.
2. Você foi selecionado por uma amostra de conveniência e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
5. Os objetivos deste estudo são: 1) Averiguar, na perspectiva das professoras do Ensino Fundamental I como é percebido e conhecido o processo do envelhecimento; 2) Pretende-se analisar como as professoras percebem o envelhecimento de forma geral e pessoal 3) Compreender como as professoras inserem o conhecimento do envelhecimento na sua prática; 4) Perceber em quais situações essas informações são repassadas às crianças.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário sociodemográfico e responder a uma entrevista sobre as referidas questões, as quais não lhe trarão risco para sua saúde mental ou física.
7. A pesquisa não oferece riscos físicos ou psicológicos aos participantes. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação são evidenciar a importância do trabalho com o envelhecimento no Ensino Fundamental I, propiciar a valorização do relacionamento entre as gerações no âmbito da escola, com destaque as pessoas idosas, promover o debate sobre o processo do envelhecimento na comunidade escolar.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados,

em local seguro, com a pesquisadora, por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.

11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL (ORIENTADOR)

Nome: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

ASSINATURA

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,

BLOCO G4

Telefone: (81) 21194097 (Curso de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: cep@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - Segunda a sexta-feira.

Recife, _____ de _____ de _____

Assinatura do SUJEITO DA PESQUISA

ANEXO

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERCEPÇÕES E CONHECIMENTOS DE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I SOBRE O PROCESSO DO ENVELHECIMENTO

Pesquisador: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78029424.6.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.790.531

Apresentação do Projeto:

Trata-se de dissertação de mestrado orientada pela pesquisadora principal. A estudante pretende adotar "como referencial teórico para compreensão das relações existentes no interior da escola e como as leis externas que as orienta, rege, a Teoria Sistêmica de Ludwig Von Bertalanffy, acrescentada pelos pensamentos sistêmico novo paradigmático e complexo de Maria José Esteves de Vasconcellos e Morin, bem como a literatura científica produzida sobre o processo do envelhecimento". Utilizará "o método qualitativo para realização da pesquisa. Os instrumentos para a coleta dos dados constarão de um questionário sociodemográfico e de um roteiro de entrevista semiestruturado, a serem respondidos pelas professoras. As participantes serão professoras concursadas ou professores contratados por tempo determinado (CTDs), docentes de uma escola da Rede Municipal do Recife, independente de idade, religião e sexo. Os resultados serão avaliados através da Técnica de Análise de Conteúdo Temática, composta pela pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Espera-se evidenciar a importância do trabalho sobre o envelhecimento no Ensino Fundamental I; promover o debate sobre o processo do envelhecimento na comunidade escolar; propiciar a valorização do relacionamento entre as gerações no âmbito da escola, com destaque para as pessoas idosas.

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.790.531

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Conhecer, na perspectiva de professores do Ensino Fundamental I, como é percebido o processo do envelhecimento.

Objetivos específicos:

- 1) Identificar como as professoras percebem o envelhecimento, de maneira geral e pessoal; 2) Compreender como elas inserem o conhecimento do envelhecimento na sua prática;
- 3) Perceber em quais situações essas informações são repassadas às crianças.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Sobre o risco para os participantes, ao lidar com questões pessoais que envolvam ou provoquem emoções nos entrevistados/entrevistadas durante a pesquisa, ou caso haja dificuldade em abordar a temática, a entrevista será interrompida imediatamente e, se necessário, o entrevistado será encaminhado para suporte na clínica de Psicologia da Universidade. Portanto, será empregado todo o esforço para resolver qualquer situação que

surja ao longo da obtenção das contribuições de todos, da melhor forma possível e sempre que necessário. O respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes são considerados como o cerne do processo.

Benefícios:

Espera-se que a presente proposta possa contribuir para:

- 1) Evidenciar a importância do trabalho com envelhecimento no Ensino Fundamental I;
- 2) Propiciar a valorização do relacionamento entre as gerações no âmbito da escola, com destaque para as pessoas idosas;
- 3) Promover o debate sobre o processo do envelhecimento na comunidade escolar.

As pesquisadoras acreditam que o ato de refletir sobre o próprio processo de envelhecimento pessoal sensibilizará as professoras para abordarem, junto aos seus pares e alunos, a temática da construção de relações mais respeitadas e cuidadoras com as pessoas idosas, tanto no ambiente familiar quanto na comunidade escolar. Para facilitar essa compreensão, será oferecida à instituição a possibilidade de assessoria aos professores em suas salas de aula, sobre a temática do envelhecimento humano, utilizando recursos didáticos, como, por exemplo, a literatura infantil que aborda esse tema.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os três primeiros itens foram analisados a partir dos registros da pesquisadora principal na

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.050-480
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.790.531

Plataforma Brasil, projeto brochura e TCLE.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios se encontram devidamente inseridos e adequados.

Recomendações:

Não há recomendações nesta versão, visto que houve ajustes solicitados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo de pesquisa aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP UNICAP acompanha o parecer do avaliador (a) aprovando o protocolo de pesquisa.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo. Favor consultar o Manual de Usuário PESQUISADOR, disponível na Plataforma Brasil <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf> que orienta sobre a emissão dos referidos relatórios, entre outros assuntos.

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.790.531

- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

- O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2267296.pdf	31/03/2024 20:41:23		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_ELBA_SOBRAL_2.pdf	31/03/2024 20:40:16	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_TCLE_2.pdf	31/03/2024 20:38:27	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Parecer Anterior	Primeira_Avaliacaoassinado.pdf	07/03/2024 10:01:58	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	Curriculo_Pesquisadora_Elba_Chagas_Sobral.pdf	04/03/2024 17:19:16	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	Curriculo_Pesquisadora_Cristina_Maria_de_Souza_Brito_Dias.pdf	04/03/2024 17:17:54	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_E_CONFIDENCIALIDADEassinado.pdf	04/03/2024 17:15:49	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Parecer Anterior	Primeira_Avaliacao.pdf	12/02/2024 14:46:01	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Assinada.pdf	11/02/2024 18:04:55	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO_DE_USO_DE_IMAGEM_E_DEPOIMENTO.pdf	11/02/2024 18:04:41	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_SEMIESTRUTURADA_PARA_AS_PROFESSORAS.pdf	11/02/2024 18:04:13	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	QUESTIONARIO_SOCIODEMOGRAFICO.pdf	11/02/2024 18:03:51	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_E_CONFIDENCIALIDADE.pdf	11/02/2024 18:02:46	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta_de_Anuencia.pdf	11/02/2024 18:02:21	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	11/02/2024 18:01:38	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.790.531

Cronograma	CRONOGRAMA_DE_ATIVIDADES.pdf	11/02/2024 18:01:27	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
------------	------------------------------	------------------------	---------------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 26 de Abril de 2024

Assinado por:

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br